



Lélia Gonzalez

o feminismo negro no palco da história



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Associação dos Amigos da Casa de Rui Barbosa



Ministério da Cultura



Créditos

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Presidente
Jorge Alfredo Streit

Diretor Executivo de Desenvolvimento Social
Eder Marcelo de Melo

Diretor Executivo de Gestão de Pessoas, Controladoria e Logística
Dênis Corrêa

Gerente de Educação e Cultura
Germana (Nome completo)

Assessoria técnica
XXXXXXXXXX

REDE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL - REDEH

Coordenadora Geral
Thais Rodrigues Corral

Coordenadora Executiva
Schuma Schumaher

Conselho Consultivo
Alessandro Botsaris, Eduardo José Viola, Beth Vargas, Helena Teodoro, Lucia Xavier, Maristela Bezerra Bernardo, Moema Wiezzer

PETROBRAS

Presidente
Maria das Graças Silva Foster

Diretor de Comunicação
Wilson Santarosa

Gerente de Patrocínio
Eliane Costa – mudou, não é mais !!!!!

Gerente de Patrocínio Cultural
Tais Wohlmulth Reis

ABRAVIDEO - PRODUTORA CULTURAL

Presidente
Gilberto Medina

Diretora Financeira
Elizabeth Braga

Secretário
Adelson Carvalho

LIVRO FOTOBIOGRÁFICO

Coordenação Geral
Schuma Schumaher

Coordenação de Produção
Elizabeth Braga

Supervisão de Produção
Ruy Godinho

Texto
Suely Carneiro

Equipe de Pesquisa
Antonia Ceva
Melina Marques
Rosana Silva Chagas
Schuma Schumaher

Pesquisa Iconográfica
Antonia Ceva
Elizabeth Braga

Edição de Texto
Antonia Ceva
Paulo Barbosa Corrêa
Schuma Schumaher

Consultor para Projeto Cultural
Stanley Whibbe

Assistente Financeira
Andréa Medina
Katia Clara Costa

Imagens de Arquivo
Acervo Lélia Gonzalez/Pai Jair D'Ogum
Arquivo Nacional
Arquivo Público Mineiro
CUT/RJ
Folha de S. Paulo
Fundação Getulio Vargas
Getty Imagens
Instituto de Estudos Brasileiro - USP
Instituto Moreira Sales
Januário Garcia
Jornal do Brasil
Museu da Imagem e do Som - RJ
O Globo
Rede de Desenvolvimento Humano - REDEH

Digitalização e Tratamento de Imagens
Trio Studio

Revisão de Texto
Artur Roman

Projeto Gráfico e Identidade Visual
Ruth Freihof – Passaredo Design

Assistente de Projeto Gráfico
Phil ValleR

Imagem da capa
Lélia Gonzalez | Acervo JG/ Foto Januário Garcia (Verificar versão final capa e 4a capa)

<i>F866r</i>	<i>Penna, João Camillo. Drummond : testemunho da experiência humana / João Camillo Penna. – Brasília: Abravídeo, 2011. 137 p. : il. ISBN 978-85-61467-09-8 1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. 2. Escritor brasileiro – biografia. 3. Biografia (Carlos Drummond de Andrade). I. Título. CDD 928.69</i>
--------------	--

Apresentação

Homenagear Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), na 13.ª edição do Projeto Memória, uma parceria entre a Fundação Banco do Brasil, Associação de Amigos da Casa de Rui Barbosa e Petrobras, é um pretexto para lançar um novo olhar sobre a fundamentação do problema da memória, que atravessa a obra do poeta. Memória de uma história da vida privada e pública, nacional e mundial, material e imaterial, que está na origem da discussão sobre a preservação da memória histórica brasileira. Os exemplos mais evidentes são os poemas ou crônicas que tematizam acontecimentos históricos brasileiros ou mundiais, muitas vezes escritos no calor da hora e colados à notícia de jornal, notas de protesto contra a morte ou desaparecimento, notícias que lembram a necessidade de lembrar. Ou aquelas que “fotografam” cidades históricas, artistas, monumentos do período colonial mineiro, em comunicação direta com aquele que trabalhou durante 17 anos no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Sua vida e poesia são contemporâneas do programa de fundamentação institucional da memória histórica e artística brasileira como construção da nação pelo Estado. Em sua poesia, delineia-se, antes de tudo, um diagnóstico sobre o grande perigo que corre o humano em nossos dias, junto com seu emblema maior, a poesia. Eis o diagnóstico proferido pelo poeta estreante: “Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade” [...] O último trovador morreu em 1914. E o que indicia o início da Primeira Guerra Mundial? “Os homens não melhoram/e matam-se como percevejos.” O poeta é portanto nada mais do que um “sobrevivente”, e sua vida junto com sua obra, uma sobrevida, que a própria poesia tenta preservar, fixando-a precariamente como a flor que nasce no asfalto. É assim que o poeta anuncia o nascimento de sua feia e precária flor: “Uma flor nasceu na rua!/Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego./Uma flor ainda desbotada/ilude a polícia, rompe o asfalto./Façam completo silêncio, paralistem os negócios, garanto que uma flor nasceu.” Cantor do acontecimento, do presente, o poema absolutamente moderno se desfaz de sua feição tradicional passadista para nomear o agora: “O tempo presente é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes/a vida presente.” Suas crônicas e poemas são pequenas intervenções na vida brasileira e mundial, numa tarefa sutil de salvamento do humano onde quer que ele se refugie, sinalizando o perigo iminente de sua destruição terminal. Cronista do presente e do passado, Drummond fixa a memória, patrimonializa a vida, testemunha sobre os fatos e coisas do presente no momento em que viram passado, atravessadas pela luminosidade opaca do tempo. Ou, como diz ele próprio no poema “Memória”:

Mas as coisas findas,

muito mais que lindas,

essas ficarão.



INTRODUÇÃO

Nós negros estamos na lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados [...], que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e, numa boa. Lélia Gonzalez

Quem é essa mulher negra que, de maneira ousada, se dirige à sociedade brasileira, dessa forma e nesses termos? De que lugar ela fala? Que discursos e práticas a sua fala questiona e desconstrói?

As questões acima nos levam à trajetória histórica de Lélia Gonzalez, intelectual criativa, feminista, ativista antirracista e militante em partidos políticos. Uma educadora, filósofa, pós-graduada em Comunicação, que fez simultaneamente incursões acadêmicas nos terrenos da Antropologia, Psicanálise e Sociologia. Lélia dominava o inglês, francês e espanhol, o que lhe permitiu, também, atuar como tradutora de diferentes obras.

Uma mulher negra do mundo, que percorreu vários continentes, deixando, por onde passou, a marca de sua presença forte e pensamento inquietante sobre a sociedade brasileira, suas relações raciais e de gênero. Trouxe ainda para as agendas políticas e acadêmicas, nas quais estava engajada, as reflexões e os achados de seu incessante intercâmbio cultural.

Resgatar a memória de Lélia Gonzalez é, acima de tudo, assumir um compromisso político com a luta das mulheres negras do Brasil, com o avanço da compreensão das relações de gênero e com a observância efetiva dos direitos humanos. No plano acadêmico, implica expor a necessidade de interrogar as relações de poder mediadas pelas relações raciais e de gênero, temas ainda pouco explorados por nossa ciência política. É defender uma verdadeira concepção de democracia racial fundada na igualdade entre negros e brancos, entre homens e mulheres, em benefício da justiça social para todos e todas.



Lélia Gonzalez Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão do qual são vítimas na sociedade (Kabengele Munanga, 2004: p. 89).



Lélia em Belo Horizonte, matando as saudades da terra natal, em 1956 | Acervo Lélia Gonzalez

1 A ESTRELA NEGRA COMEÇA A BRILHAR

Lélia de Almeida nasceu no dia 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Minas Gerais. O sobrenome Gonzalez seria incorporado mais tarde, a partir da união matrimonial, em 1964, com Luiz Carlos Gonzalez.

Lélia foi a penúltima filha de dezoito irmãos. Seu pai chamava-se Acácio Joaquim de Almeida, homem negro, chefe de ferrovia e nascido na Lei do Ventre Livre (promulgada em 1871). Sua mãe Urcinda Seraphina de Almeida nasceu no Espírito Santo em 29 de março de 1898. Era analfabeta, do lar e de ascendência indígena.

Dona Urcinda casou-se, com seu Acácio, aos treze anos de idade, contra a vontade de sua família, porque estava “prometida” para um italiano louro de olhos azuis, assim relatou sua sobrinha Roselvívia, chamada por todos de guardiã da memória da família Almeida¹.

Após o casamento, permaneceram no Espírito Santo por algum tempo, onde nasceram seus primeiros filhos: Elisa (1913), futuramente cantora lírica e costureira da alta sociedade; e Francisco (1915), funcionário chefe da COMLURB. Em seguida, seu Acácio foi transferido para São Fidélis, município situado na região norte do Estado do Rio de Janeiro. Nesse município, às margens do rio Paraíba do Sul, nasceram alguns filhos e filhas: Cacilda (1917), carinhosamente chamada pelos/as sobrinhos/as de Tia Caçula, uma mulher do lar; Alfredo (1919), mecânico, falecido na década de 1950; Jayme (1921), jogador de futebol do Flamengo; Bráulio (1923), que também faleceu jovem; e Acácio (1925), que integrou as forças brasileiras na Segunda Guerra Mundial, retornando com sequelas.

¹ Entrevista concedida por Roselvívia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Vista área de Belo Horizonte, MG, década de 1930 | Arquivo Público Mineiro

Já na cidade de São Paulo, por um curtíssimo período, nasceu Nair (1927), auxiliar de enfermagem e parteira na cidade de Petrópolis, RJ. Novamente, seu Acácio foi transferido e, numa breve temporada no Rio de Janeiro, nasceu Lígia (1929), do lar, a última a falecer, no ano de 1998.

A década de 1930, considerada por muitos como uma das piores do século XX, começou com uma grande depressão e teve que conviver com uma sangrenta guerra mundial. No Brasil, a Revolução de 30, que leva ao poder o líder gaúcho Getúlio Vargas, desencadeia vários movimentos contestatórios, entre eles a Revolução Constitucionalista, encabeçada por São Paulo provocando a convocação da Assembléia Constituinte e mais tarde o início da ditadura Vargas.

Foi nesse cenário conturbado que a família seguiu para Belo Horizonte, onde a prole não parava de crescer. Nasceram na capital mineira: Maria das Dores, a Dora (1931), do lar; Sebastião, Tio Tião (1933), mais um jogador de futebol do Flamengo; Lélia (1935); e, por fim, Geraldo (1937), motorista que trabalhou para o governo do Paraná e morreu por lá.

No total, Dona Urcinda engravidou dezoito vezes, mas perdeu cinco filhos/as ao longo desse processo. Seguindo os costumes da época e compatível com as condições financeiras do casal, todos/as nasceram em casa, com o auxílio de uma parteira.

Após o falecimento de seu Acácio — no início da década de 1940, assim que a família chegou ao Rio de Janeiro — os irmãos maiores tornaram-se responsáveis pelo sustento da casa. Elisa, a mais velha das mulheres, cuidou de todos os/as filhos/as junto com a mãe, situação ainda vivenciada pelas camadas mais pobres da sociedade.



Formatura do ginasial no Colégio Rivadavia Corrêa, Rio de Janeiro, 1951 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, RJ, década de 1940 | *Fundação Getúlio Vargas - CPDOC*

Lélia e as irmãs experimentaram, na infância, o modelo tradicional de criação, então dispensado às que eram do sexo feminino, em que os limites do mundo eram as paredes do lar. Aprendendo boas maneiras e as lidas domésticas se esperava por um casamento. A essa visão de mundo de dona Urcinda, comum na década de 1930, juntava-se a dificuldade financeira para dar conta de uma família numerosa. Justamente por isso, a escola, que para as meninas se restringia ao curso primário, acabava ficando em segundo plano, especialmente quando a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa se impunha. O que não era raro. Lélia e Nair, porém, conseguiram fugir à dominação da mãe e seguiram o seu caminho.

Seios que alimentam possibilidades

Lélia enfrentou o modelo de exclusão social fortemente enraizado e, desafinando o coro do destino, levou adiante os estudos. Mas, como uma criança negra, do sexo feminino, pobre, que se tornou órfã de pai e era filha de mãe analfabeta conseguiu romper com isso? Além do esforço pessoal, quis o destino que, já na infância, alguns fatores se juntassem abrindo novos caminhos. O primeiro deles podemos atribuir ao fato de ter sido Lélia a penúltima filha, cabendo aos irmãos mais velhos a responsabilidade pelo sustento da família. Ainda assim Lélia teve que enfrentar o batente.

A solidariedade sempre atenta de dona Urcinda levou-a a socorrer uma família italiana, cuja filha perdera a mãe no parto e necessitava de alguém que pudesse amamentá-la. O gesto estreitou ainda mais a relação entre as famílias e propiciou à Lélia estabelecer laços afetivos com eles. Como consequência dessa amizade, os italianos financiaram os seus primeiros estudos ainda em Belo Horizonte², um aspecto que a marcou profundamente e seria lembrado em diversas ocasiões.

² Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Recordando sua trajetória educacional, anos mais tarde, em entrevista a um jornal no Rio de Janeiro, diria Lélia: *Me lembro perfeitamente que cada uma dava uma coisinha, uma irmã dava um sapatinho, outra dava uma meinha e outra fazia o uniforme, etc. [...] Estudei com muita dificuldade. Os livros eram emprestados pelas colegas [...] Eu ia estudar nas casas das amigas. Enfim, até chegar à universidade.*

Outro importante fator para a continuidade de seus estudos e o protagonismo de ter se tornado a única da casa a avançar além do ensino superior, foi a vinda da família para o Rio de Janeiro, em 1942. Jayme de Almeida, irmão pelo qual Lélia tinha grande admiração, se destacou como jogador de futebol no Atlético Mineiro, sendo então convidado a atuar no time carioca Clube de Regatas do Flamengo.

Na cidade maravilhosa, foram morar, por pouco tempo, no Leblon, onde Lélia iniciou seus estudos na Escola Manoel Cícero. Nessa breve temporada na Zona Sul, seu Acácio faleceu e a família instalou-se no bairro de Ricardo de Albuquerque, subúrbio da cidade³. O trem tornou-se então o principal veículo para o deslocamento de Lélia até o centro da cidade, onde se localizava o colégio Rivadavia Corrêa, no qual concluiu o curso ginasial em 1951⁴.

Um tempo de mudanças e novidades para Lélia em muitos aspectos, mas não em todos. As dificuldades financeiras se apresentaram e foi preciso trabalhar. Assim, ao lado dos livros e tarefas escolares, Lélia conviveu, por algum tempo, com os afazeres próprios de uma babá. Tomar conta de crianças e trabalhar como doméstica em casa de família era o cotidiano comum na vida de meninas negras, em grande maioria, igualmente pobres. inclinou-a à espiritualidade⁵.

Revelava-se, assim, outro lado da grandeza de Lélia Gonzalez, o de colaborar, com sua própria experiência, para desconstruir o imaginário sobre os negros considerados “bem sucedidos”, frequentemente utilizados pela mídia para referendar e justificar o mito da democracia racial, na medida em que são apresentados como pessoas sem qualquer vestígio de terem enfrentado situações de racismo, ou se, vez por outra, se defrontaram com situações desse tipo, não foram afetadas.

³ Entrevista concedida por Roselvia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

⁴ FELIPPE, Ana Maria. Lélia Gonzalez: Mulher negra na história do Brasil. Amaivos, Rio de Janeiro, 2009. Seção Cultura e Religião. Subseção Afrodescendentes. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=13070&cod_canal=71>. Acesso em: 9 jul. 2011.

⁵ Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 20 de outubro de 2011, em Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Capa do álbum de formatura de Lélia, Colégio Rivadavia Corrêa, Rio de Janeiro, 1951

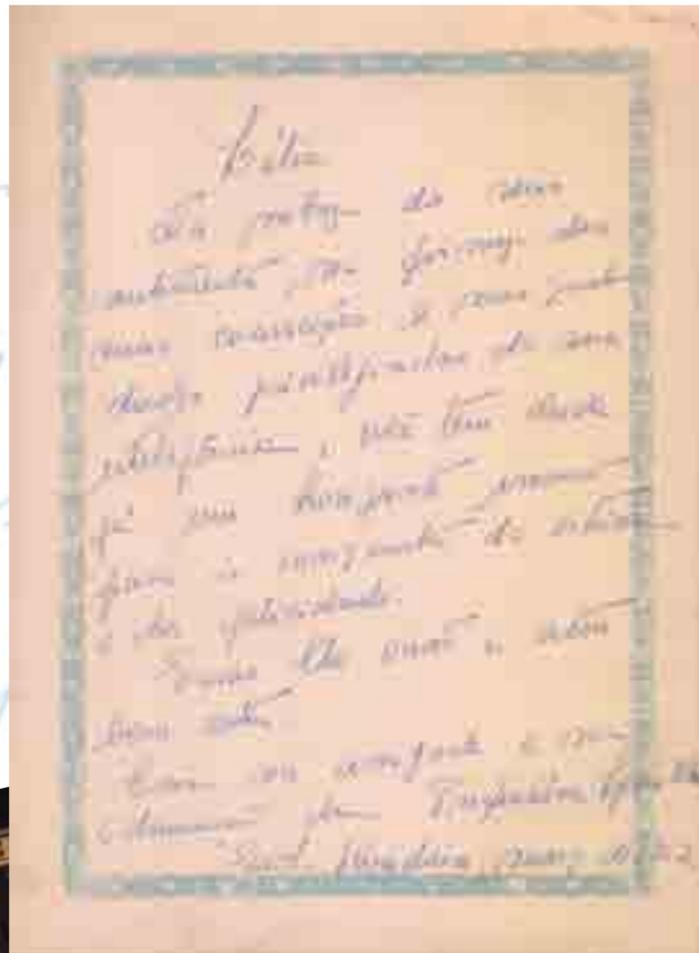
| *Acervo Lélia Gonzalez*

Jayme, Irmão de Lélia Gonzalez, Machu Pichu, maio de 1968 | *Acervo Lélia Gonzalez*

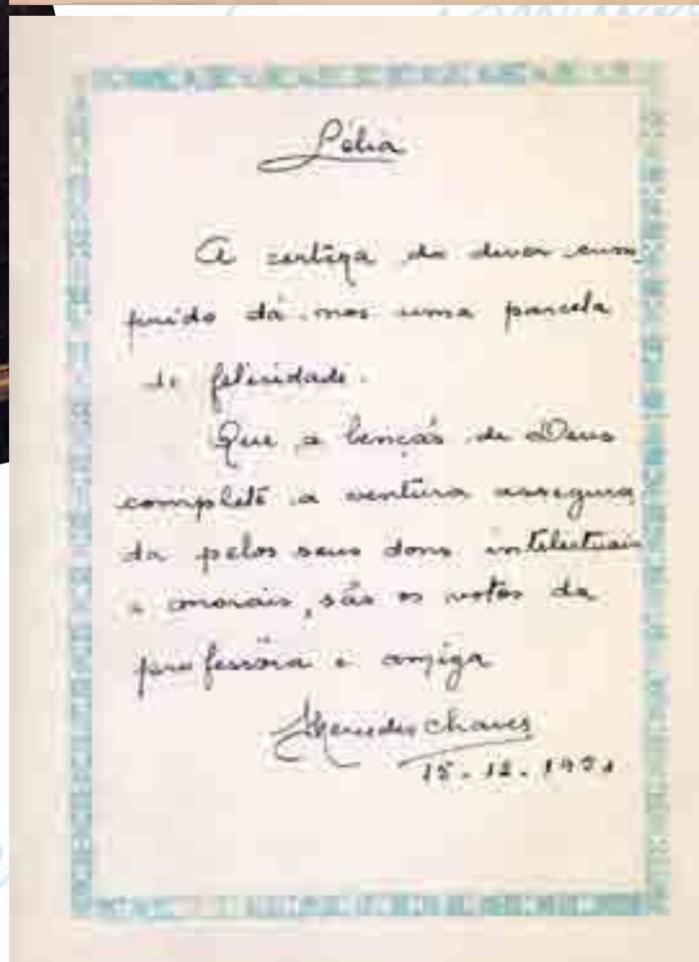
Tião, Irmão de Lélia Gonzalez, 1953 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Geraldo, Irmão de Lélia Gonzalez, Formatura em Datilografia | *Acervo Lélia Gonzalez*





Em Teresópolis, na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 1961 | Acervo Lélia Gonzalez



Festival de Teatro de estudante, em Santos, SP, 1959 | Acervo Lélia Gonzalez
Caderno de Lembranças de Lélia Gonzalez, década de 1950 | Acervo Lélia Gonzalez

Guardando lembranças...

Por muitos anos as páginas do diário pessoal de Lélia, que, não por acaso, trazia na capa a palavra “Lembranças”⁶, guardaram depoimentos de professores(as) da Escola Rivadavia Corrêa, em que reconheciam e destacavam seu empenho pessoal e seu potencial...

Lélia, a certeza do dever cumprido dá-nos uma parcela de felicidade. Que a benção de Deus complete a ventura assegurada pelos seus dons intelectuais e morais são os votos da professora e amiga Mercedes Chaves (15 de dezembro de 1951)

Lélia, na nobreza dos seus sentimentos, na firmeza das suas convicções e nas qualidades privilegiadas da sua inteligência, você tem desde já um horizonte imenso para a conquista da vitória e da felicidade. Essas lhe virão e estou bem certa. Creia na amizade e na admiração da Professora Lyvia Escola Rivadavia (março, de 1952)

Lélia, aqui lhe rendo homenagem pela sua dedicação aos estudos e pelos seus dotes excepcionais de inteligência, fazendo votos para que, com a ajuda de Deus, tenha um futuro brilhante e feliz, de que é de todo merecedora. O professor de Geografia, Mário de Sousa Freitas (03 de dezembro de 1951)

⁶ Diário de Lembranças de Lélia localizado no Acervo Lélia Gonzalez durante a pesquisa de campo realizada no mês de agosto de 2011, no Ilê Oxum Apará, Itaguaí.



Roda viva

Certamente Lélia precisou estudar muito para ultrapassar os muros do tradicional Colégio Pedro II, instituição consagrada e disputada por centenas de alunos e alunas que desejavam frequentar o ensino superior. A conclusão do antigo curso científico, em 1954, foi o início de uma brilhante trajetória levada adiante na antiga Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O diploma de bacharelado, em História e Geografia, veio em 1958 e o de licenciatura no ano seguinte. Pela mesma instituição graduou-se em Filosofia, bacharelado em 1962 e licenciatura em 1963.

Nessa roda viva de ter que garantir o próprio sustento, Lélia compatibilizava os estudos com o trabalho. Lecionava no Colégio Piedade, no Colégio Andrews, no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da UEG, onde ministrava aulas de Filosofia, e na Fundação Educacional e Universitária Campograndense (FEUC), respondendo pela docência das disciplinas de Introdução aos Estudos Históricos e História Moderna e Contemporânea.



Diploma de Licenciatura em História e Geografia, UEG, 1959 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Bacharel em Filosofia, UEG, 1962 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Licenciatura em Filosofia, UEG, 1963 | Acervo Lélia Gonzalez

Diploma de Bacharel em Ciências e Letras, Colégio Pedro II, 1954 | Acervo Lélia Gonzalez

resolve,
de 1937, conferir-
54, 132 da Inde-
da fundação do



Em 1964, através de um Golpe de Estado, os militares assumiram o poder no Brasil onde permaneceram por 20 anos, período conhecido como Ditadura Militar | Agência O Globo

Quando o coração bate mais forte...

Na Faculdade de Filosofia, o coração de Lélia será atingido para além dos filósofos da antiguidade. Lá estava Luiz Carlos Gonzalez, também aluno, por quem seu coração bateu mais acelerado. Deram início a uma forte relação, oficializada com o casamento em 1964. Nesse período, os militares assumiram o poder e a vida política passou a ser controlada por atos institucionais, que fortaleciam cada vez mais o regime imposto. O casal passou a enfrentar, além da turbulência política, a turbulência familiar.

Até o matrimônio, Lélia morava com seus parentes na Tijuca. Ao se casar com Luiz Carlos, mudou-se para o mesmo bairro. Foi um casamento atribulado, pois os pais do marido, não aceitavam a união dos dois⁷.

O relato de Lélia sobre essa união é uma das muitas expressões através das quais se evidencia a dinâmica das relações raciais e suas perversas dimensões pessoais da interação entre negros e brancos:



Luiz Carlos Gonzalez, 1965 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez em 1963, 1966, 1968, 1971

| Acervo Lélia Gonzalez

Luiz Carlos em 1964 e em foto sem data

| Acervo Lélia Gonzalez

Quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso ‘democrático racial’ veio à tona e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de “concubinagem” porque mulher negra não se casa legal mente com homem branco; é uma mistura de concubinato com sacanagem em última instância⁸.
Lélia Gonzalez

O conflito se acentuou ainda mais quando a família de Luiz Carlos descobriu que estavam legalmente casados: *aí veio o pau violento em cima de mim; claro que eu me transformei numa ‘prostituta’, numa ‘negra suja’ e coisas assim desse nível... Mas, de qualquer forma, meu marido foi um cara muito legal, ele sacou todo o processo de discriminação da família dele, e ficamos juntos até sua morte⁹.* Lélia Gonzalez.

Desde seu falecimento, um ano depois de casados, Lélia não mais abandonou o sobrenome Gonzalez. Em entrevista ao Jornal Pasquim (1986), afirmou que despertou para sua condição de mulher negra com Luiz Carlos. Certamente, os problemas que enfrentava com a família dele motivaram a conscientização de sua condição: *Ele encheu o saco e rompeu relações com a família de novo. As relações com a família dele eram muito complicadas, tão complicadas que ele acabou se matando.*
Lélia Gonzalez

⁷ Entrevista concedida por Roselívia Almeida à Antonia Ceva em 5 de maio de 2012, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

^{8 e 9} GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, n. 2, p. 383-386, 2. sem. 1994.



Lélia se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações. Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1968 | Acervo Lélia Gonzalez

Dando a volta por cima...

Abalada com o suicídio de seu companheiro, Lélia se afastou, por algum tempo, das atividades acadêmicas. Viajou ao encontro de uma amiga em Barbacena, Minas Gerais, em busca de refúgio onde pudesse pensar sobre a tragédia e digerir o que acabara de vivenciar.

Ao regressar para o Rio, retomou o trabalho docente e voltou a se dedicar à tradução de textos filosóficos, que já havia iniciado em 1964, com o livro *Curso Moderno de Filosofia*, de Denis Huisman e André Vergez, para a Editora Freitas Bastos. Posteriormente, traduziu dois volumes do livro *Compêndio Moderno de Filosofia*, dos mesmos autores. O primeiro volume denominado *A ação*, em 1966, e o segundo, denominado *O pensamento*, em 1968.

Na segunda metade da década de 1960, o seu interesse pela Filosofia se acentua. Lélia inicia diversos cursos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG, sendo um deles sobre *Introdução ao Pensamento Existencialista*, em 1967. No ano seguinte, começa a ministrar aulas de Filosofia, Psicologia e Sociologia no Colégio Santo Inácio, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ingressa na Universidade Gama Filho, como professora-assistente na disciplina de História da Filosofia.

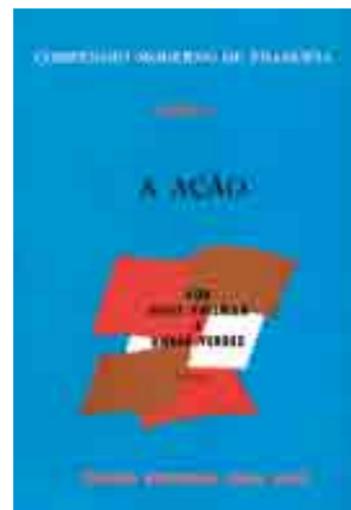
Na vida familiar, sua irmã Dora, que estava separada do marido e com três filhos – Roberto, Roselívia e Roseni –, engravida e Lélia oferece total apoio para que levasse adiante a gravidez. Assim, torna-se “mãe” de seu sobrinho Rubens Rufino, carinhosamente por ela chamado de “Manéu”. *Quando eu nasci, na maternidade em São Cristóvão em frente à Quinta da Boa Vista, a Lélia foi me visitar, a Dora, minha mãe biológica, imediatamente disse “toma que o filho é seu”.* Rubens Rufino¹⁰



Lélia na casa de um aluno no Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1965 | Acervo Lélia Gonzalez



As irmãs Dora e Lélia, no casamento do filho Rubens com Joyce, 1984 | Acervo Lélia Gonzalez



Com o falecimento de Dona Urcinda, em 1967, “a família se espalha”. Dora foi morar em Petrópolis e Lélia fica com o garoto. Dois anos após, foram viver com o engenheiro Vicente Marota, segundo marido de Lélia, na Tijuca, na Rua Hadock Lobo (Eliane de Almeida)¹¹.

O final da década de 1960 foi uma fase de endurecimento do regime militar, e, por isso mesmo, os estudantes buscavam espaços alternativos onde pudessem manifestar suas ideologias. A liberdade de expressão estava cerceada pela ditadura. Lélia resistia à sua maneira aqueles duros tempos. Segundo seu amigo Januário Garcia, a parceria entre ambos se iniciou quando eram vizinhos. Ela tinha como hábito reunir um grupo de estudantes em sua casa para discutir a filosofia existencialista. Com isso, seus principais expoentes – Simone de Beauvoir, Sartre, Althusser – eram lidos e refletidos por todos/as¹².

No início dos anos 1970, Lélia e Vicente se mudaram para o bairro do Cosme Velho. Rubens ficou com a mãe biológica e passava os finais de semana com a “tia” Lélia. Nessa década, inicia-se a consolidação da líder intelectual e ativista que influenciará os rumos dos movimentos feministas e negros do Brasil.

¹⁰ Entrevista concedida por Rubens Rufino à Antonia Ceva, em 20 de outubro de 2011, Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

¹¹ Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

¹² Entrevista concedida por Januário Garcia à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 28 de setembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Capa do livro *Compêndio moderno de Filosofia*, de Denis Huisman e André Vergez, Tradução do francês para o português, a Editora Freitas Bastos, 1º Volume *A Ação*, 1966 | Acervo REDEH

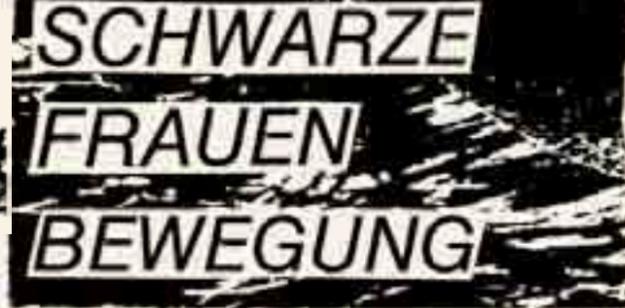
Capa do livro *Curso Moderno de Filosofia*, de Denis Huisman e André Vergez, Tradução de Lélia Gonzalez do francês para o português, Editora Freitas Bastos, 1965 | Acervo REDEH



Ditadura militar, 1968 | Arquivo / CPDOC / JB



Atentado militar contra o Teatro Opinião, 1968 | Agência O Globo



INTERVIEW MIT LÉLIA DE ALMEIDA GONZALEZ
Aktivistin und Mitbegründerin der Vereinten Negerbewegung gegen Rassendiskriminierung Brasiliens (MNU), Mitbegründerin der Schwarzen Frauenbewegung Brasiliens, Mitglied des Frauenkollektivs N'Zinga in Rio de Janeiro, Gründungsmitglied der brasilianischen Arbeiterpartei (PT).
Lélia ist Universitätslehrerin und hat neben zahlreichen Aufsätzen und Artikeln "Lugar de Negro" veröffentlicht (gemeinsam mit Carlos Hasenbalg, Rio de Janeiro 1982).

F.: Politisches Bewußtsein hat seinen Ausgang meistens im entscheidenden Punkt der eigenen Geschichte, wie war das bei Dir?

LÉLIA: Das trifft bei mir auch zu. Ich habe eine richtige Gehirnwäsche durchlaufen. Das ging im Kindergarten los und reichte hinein bis in die Universitätszeit. Mein Vater war Arbeiter, meine Mutter Indianerin, sie hatten 18 Kinder, ich war das vorletzte. Wie alle Eltern, so wollten auch sie, daß es ihre Kinder einmal besser haben, und das hieß für sie Integration, Assimilation sage ich heute. Aber bei Schwarzen ist die Hautfarbe auch die Grenze der Assimilation. Jedenfalls schickten sie mich in den Kindergarten, in die Grundschule, auch zur Universität. Das Studium wäre ohne die Hilfe meiner Geschwister nicht möglich gewesen. Ein Bruder hat auch studiert und mußte sich und dann auch mir das Studium durch den für Schwarze in Brasilien "erlaubten und gutheißenen" Weg über den Fußball finanzieren.

F.: Was meinst Du genau mit Gehirnwäsche?

L.: Damit meine ich, daß ich Werte vermittelt bekam und auch als die richtigen zu akzeptieren hatte, die meiner Herkunft und meinem Geschlecht widersprachen. Da das brasilianische Gesellschaftssystem kolonialistisch ist, waren die Werte, von denen ich gesprochen habe und die mir angeboten wurden, immer schon die Werte der westlichen Zivilisation. Dieser ganze Weg von der Grundschule über die Universität bis zum Abschluß des Studiums war eine schmerzliche Erfahrung. Mit schwarzer Haut wirst du immer einsamer, schon physisch, weil die wenigen schwarzen Kolleginnen und Kollegen bis zum Schluß immer weniger werden. Als schwarze Frau hatte ich, um akzeptiert zu werden, eigentlich nur die Möglichkeit, eine besonders gute Studentin zu sein. Aber das lief natürlich nicht bewußt ab. Bei uns in Brasilien gibt es das Sprichwort: Er oder sie ist schwarz, aber intelligent. Das muß ich wohl nicht näher erklären? Es gibt Bereiche, wo die Unterdrückung aufgrund deiner Hautfarbe ganz offensichtlich ist. Und dann gibt es Bereiche, wo du selbst zum Handlanger deiner eigenen Unterdrückung wirst. Ich meine, daß ich einen richtigen Identitätsverlust erlitten habe, habe mich selbst und meine Schwarzheit unterdrückt, habe das in mir unterdrückt. Das ging so weit, daß ich über alles, nur nicht darüber sprechen konnte.

F.: Warst Du in Deiner Studentenzeit politisch engagiert?

L.: Natürlich, was glaubst Du? Wer in Brasilien Klassengegensätze nicht sieht, der will sie nicht sehen. Ich war in einer linken Studentengruppe. Da haben wir viel über den Klassenkampf, Kolonialismus und Kapitalismus diskutiert. Aber über Rasse, schwarz und so, zu sprechen, das war sehr schmerzlich für mich, absolut schmerzlich.

F.: Jetzt bist Du nicht nur linke, sondern auch schwarze Aktivistin, was ist passiert?

L.: Ich habe einen weißen Mann geheiratet. Der hat mich natürlich seiner Familie vorgestellt. Seine Familie wollte einfach nicht glauben, daß wir verheiratet sind, deswegen haben sie mich anfangs auch akzep-

tiert. Sie dachten, wir würden in einer Art Konkubinate zusammenleben. Sexuelle Beziehungen von jungen weißen Männern zu schwarzen Frauen sind kein Problem, weil der junge weiße Mann nachher ein Mädchen aus einer "Familie" heiratet. Als seine Familie feststellen mußte, daß wir tatsächlich verheiratet sind, wurde sie mir gegenüber total feindselig, warf mir sogar Unmoral vor. Mein Mann hat dann alle Beziehungen zu seiner Familie abgebrochen. Jetzt sah ich mich erstmals gezwungen, über meine Hautfarbe nachzudenken. Es war eine Tortur: Du kannst Dir gar nicht vorstellen, was es bedeutet, Haßgefühle einer weißmachenden Ideologie in einem schwarzen Körper zu transportieren.

Mein Mann starb leider sehr früh, auch ein brasilianisches Schicksal, danach habe ich wieder geheiratet. Mein zweiter Mann stammte aus einer Mischung von schwarz und weiß. Dieser Mann war offensichtlich schwarz, schon in seiner Hautfarbe, wurde aber im Laufe unserer Beziehung immer "weißer", in seinen Einstellungen und so weiter. Nachdem ich also endlich aufgehört hatte, mein krauses Haar zu glätten, nur um wie die Weißen auszusehen, endlich den Versuch unternommen hatte, meine schwarze Identität zu akzeptieren und auszuleuchten, war meine Betroffenheit in dieser Situation besonders stark. Aus dieser Betroffenheit heraus habe ich mich von ihm getrennt und bin aktiv in die Schwarze Bewegung eingestiegen.

F.: Wann war das?

L.: Das war Anfang der siebziger Jahre, es gab bereits in den dreißiger Jahren eine Schwarze Bewegung in Brasilien, und die ist in den siebziger Jahren wieder erwacht.

F.: Das ist kurz nach dem Aufkommen der Black-Power-Bewegung und der Bürgerrechtsbewegung in den USA.

L.: Das stimmt, durch die Black-Power-Bewegung sind wir in Brasilien sehr stark beeinflusst worden. Noch größer allerdings war der Einfluß durch die Befreiungskämpfe der afrikanischen Länder mit portugiesischer Sprache, Angola, Mozambique und Guinea-Bissau.

F.: Zu diesem Zeitpunkt kann man allerdings noch nicht von einer Schwarzen Bewegung sprechen?

L.: Da hast Du recht. Aber sieh das mal von heute aus. Zu Beginn der siebziger Jahre begann "o milagre brasileiro", das brasilianische Wirtschaftswunder. Innerhalb kürzester Zeit ist der Anteil der Farbigen oder Schwarzen - diese Unterscheidung ist eigentlich unsinnig - an der arbeitenden Bevölkerung von fast Null auf etwa vierzig Prozent gestiegen. Schwarze haben die Drocksarbeit gemacht, bildeten die industrielle Reservearmee, kamen aufgrund der schlechten Ausbildung nie für qualifizierte Arbeit in Frage und müssen heute, obwohl sie nicht am brasilianischen Wirtschaftswunder profitierten, die brasilianischen Schulden zurückzahlen. Die Schwarzen sind ja nicht blind. Daß ungerecht verteilt wurde, haben wir schon während der Hochkonjunktur gesehen. Daß aufgrund der sozialen Kosten heute alles militanter abläuft, weil sich eben die Zustände dramatisch verschärft haben, ist ja klar.

Em busca de si mesma...

Com coragem e integridade para se expor, Lélia relata o difícil processo de construção de sua identidade racial, sobretudo num contexto em que a negritude padecia, e ainda padece, de toda sorte de interdições e rejeições e o embranquecimento se colocava, e se coloca, como imposição estética ou estratégia de defesa para evitar a discriminação. Conta-nos Lélia: *Eu tive oportunidade de estudar, (...) e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra*¹³.

Essa capacidade de Lélia falar, na primeira pessoa, sobre as dores e a rejeição social que o racismo provocava tinha um efeito libertador para as mulheres negras. Facilitava a compreensão sobre a influência de uma ideologia perversa sobre seus corpos e mentes, que valorizava esteticamente a brancura e estigmatizava a negritude e todas as características que lhe são próprias: *Não quero dizer que eu não passei por isso, porque eu usava peruca, esticava cabelo, gostava de me vestir como uma lady (...). Desnecessário dizer que a divisão interna da mulher negra na universidade é tão grande que no momento em que você se choca com a realidade de uma ideologia preconceituosa e discriminadora que aí está, a sua cabeça dá uma dançada incrível (...). A partir daí fui transar o meu povo mesmo, ou seja, fui transar o candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas*¹⁴.

Entrevista Lélia Gonzalez, Revista AUF, 1985

| Acervo Lélia Gonzalez

13 e 14 GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, n. 2, p. 383-386, 2. sem. 1994.



Lélia Gonzalez, Caricatura de Mario Floricio, 1979 | Mario Floricio/Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez, Bahia, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez



Desconstrução do branqueamento

O discurso de Lélia causava um efeito pedagógico em um contexto de exaltação da “democracia racial” que, ao reiterar sistematicamente a ausência de racismo e preconceito no Brasil, trazia como subtexto a mensagem de que as dificuldades enfrentadas pelos negros seriam de sua própria responsabilidade, se deviam às suas próprias características, ou à sua “natural” inferioridade como sustenta o pensamento racista! A esses jogos característicos do racismo “a brasileira” Lélia Gonzalez jamais se prestou!

Para uma mulher negra, era uma experiência catártica estar diante de Lélia Gonzalez e ouvir aquela mulher que era capaz de escutar a nossa própria mente e nosso coração e vocalizar, sem medo, todas as angústias e sequelas produzidas pelo racismo. Se uma mulher negra, intelectual poderosa como aquela, podia dizer todas aquelas coisas sem pejo, então todas poderiam! Mais ainda, ao tornar público seu processo pessoal de desconstrução do branqueamento que o racismo impunha, Lélia arrastava consigo legiões de mulheres negras que, como ela, haviam assumido suas cabeleiras *black*, usavam roupas coloridas que valorizavam a negritude e aceitavam as suas características físicas e sua peculiar expressão de sexualidade¹⁷.

Por volta de 1981, Lélia sofreu um acidente de carro ao retornar do evento de inauguração da Rua Nelson Mandela, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, em homenagem ao líder negro sul africano. A lesão causada pelo acidente levou Lélia a usar uma faixa na testa, para esconder a cicatriz. Esse novo acessório – que ela nunca mais abandonou – ditou uma tendência de moda e um estilo peculiar de Lélia, que combinava com suas roupas coloridas e exuberantes.

¹⁷ Entrevista concedida por Sueli Carneiro à Schuma Schumacher em dezembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Lélia Gonzalez: “A Lei facilita a violência”

Militante negra e feminista e professora de Estudos da Cultura Negra, na PUC, Lélia Gonzalez comenta aqui as suas idéias e analisa alguns aspectos do movimento feminista. Em julho do ano passado, Lélia foi uma das representantes brasileiras num congresso em Copenhague, onde nove mil mulheres de todas as partes do mundo se reuniram por 15 dias para falar e discutir seus problemas.

Liane dos Santos



— Qual foi o motivo desse Congresso na Dinamarca?

LG — Foi para fazer um balanço das atividades da década da mulher, que se iniciou em 1975.

— A que conclusão vocês chegaram?

LG — Concluímos que não houve grandes avanços. Discutimos temas como o desenvolvimento, a paz e a igualdade, mas percebemos que todo o terreno conquistado foi em consequência de uma iniciativa das mulheres, não por parte governamental. Somos nós, mulheres, que precisamos tomar uma iniciativa para mudar a situação.

— Como começou a conscientização da sua luta feminista?

LG — Através do casamento. Sou negra e casei com um homem branco. A mulher negra sofre uma discriminação

tríplice: social, racial e sexual. A questão racial está ligada diretamente ao feminismo e a mulher negra é o setor mais oprimido da sociedade. Basta lembrar que a distância salarial entre brancos e negros é maior do que entre homens e mulheres. Quando, em anúncios de jornais, surgem expressões tais como “boa aparência”, o significado é que não se apresentem candidatas negras.

— Qual a importância que você vê em toda essa luta?

LG — A militância é importante para despertar a conscientização e permitir a crítica. Na maioria das vezes, tanto a mulher quanto o negro internalizam a própria desigualdade. Os casos de violência para com a mulher e os negros ocorrem em consequência de um racis-

mo e machismo desenfreado. A lei facilita essa violência criando artificios para inocentar o opressor.

— Além de professora, qual o outro tipo de trabalho que você desenvolve?

LG — Sou membro da Comissão Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado. Desenvolvo um trabalho prático como militante negra. Tenho escrito também muitos trabalhos publicados em outros países e que pretendo reunir num livro.

— Além do livro, que outros projetos tem em mente?

LG — Fui convidada para pesquisar por um ano sobre mulher negra nos Estados Unidos e vou pra lá.

— O que é ser feminista?

LG — É tomar consciência da sua condição de mulher.

2 FEMINISMO, MULHERIDADE E MULHERISMO — AS AMEFRICANAS



III Conferência Mundial sobre a Mulher, Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

A revolução cultural e sexual promovida pelos movimentos feministas na Europa e nos EUA, a partir da década de 1960, desafiará as mulheres brasileiras a reinterpretá-los à luz das características de nossa sociedade. Assim, contaminadas por essas transformações, um importante conjunto de mulheres, do qual Lélia foi peça fundamental, empreendeu a revitalização do movimento feminista.

Sob o slogan, Diferentes, mas não Desiguais, travaram-se mundialmente lutas concretas em prol da construção de uma sociedade igualitária para as mulheres. Pressionada por vários grupos e lideranças mundiais, a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o ano de 1975 como o Ano Internacional da Mulher e os anos de 1975 a 1985 como a Década da Mulher, em todo o mundo.

A necessidade de transformar o papel feminino difundiu-se nos mais variados países, independentemente do grau de seu desenvolvimento. No entanto, Lélia salientava que o Movimento Feminista encontrava-se: *preocupado, ora com a exploração de classe, ora com uma postura eminentemente antisexistista e faltou-lhe o entendimento da questão racial, pelo menos nos idos de 1970. Não queremos dizer, com isso, que tal incompreensão não perdure até os dias atuais*¹⁸.

18 GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 1983.

Os escritores Schumacher e Vital Brazil (2007) atentaram para o fato de que, na época, o movimento feminista estava centrado no enfoque de um gênero branco e ocidental. Não se mostrava hábil, o suficiente, para superar as próprias assimetrias que atingiam as mulheres, em especial as afrodescendentes.

Isso seria, ainda, determinante para a posição de classe das mulheres negras na sociedade brasileira. A urgência de elaborar uma agenda política específica motivou essas mulheres a criarem suas próprias organizações. Para o emergente Movimento Feminista, esse posicionamento tinha o potencial de introduzir o divisionismo dentro de um grupo que lutava para se afirmar na sociedade. Porém, a questão racial não estava contemplada na pauta de discussões.

Sobre isso, a ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR) Luiza Bairros comenta que Lélia via o feminismo como um movimento de mulheres brancas, onde ela era a criadora de caso. Isso porque, no interior do movimento, havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo: “as mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá pra gente dialogar com elas, etc.”¹⁹.

Essa verbalização pública, por uma mulher negra, dos agravos produzidos pelo racismo sobre suas irmãs de cor, contrariava a narrativa consagrada em nossa sociedade brasileira. O discurso da democracia racial negava a existência de racismo no Brasil. E, por fim, o próprio Movimento Negro foi confrontado por essa posição de Lélia. Para ela, os companheiros de luta, embora com uma consciência muito avançada sobre as questões de raça e classe, reproduziam todas as práticas sexistas da sociedade brasileira, no que dizia respeito às especificidades das mulheres negras, suas companheiras de militância²⁰.

Na verdade, essa constatação dolorosa acabou por levar as mulheres negras a se organizarem separadamente. Em consonância com essa visão, Lélia irá criar em 1978, no interior do MNU (Movimento Negro Unificado), o Centro de Lutas Luiza Mahin. Sobre isso, afirmava que a referência a Luiza Mahin²¹ era sintomática.

Ela repousava no fato de que, de início, as exigências do movimento negro nos pareciam muito mais importantes do que aquelas que nos diziam respeito enquanto mulheres; ou seja, a consciência racial se impunha com mais força que a sexual. Mas era a própria prática dentro do movimento negro que nos remetia à questão da discriminação sexual²².

Disso decorre que os primeiros grupos organizados de mulheres negras surgiram exatamente no bojo do Movimento Negro (MN). Segundo Lélia: *(...) isto é plenamente compreensível, uma vez que é no MN que se tem a oportunidade de desenvolver toda uma consciência ideológica e política a respeito do racismo e de suas práticas, assim como do modo como a questão racial se articula com aquela da exploração de classes. Daí a compreensão de que a exploração sexual da mulher passa também a ser um componente de grande importância para o entendimento das relações de opressão e dominação em nossa sociedade*²³.

Assim, o compromisso das mulheres negras com a transformação social era visto por Lélia como prioridade, pois como: *amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós a marca da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo trazemos conosco a marca da libertação de todos e de todas*²⁴.

19 BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Afro-Ásia. Salvador, n. 23, 2000. Seção Homenagem. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011

20 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

21 A historiografia brasileira não conseguiu desvendar a origem de Luiza Mahin, não se sabe se veio da África, ou se nasceu em Salvador. No entanto, ela pertencia à nação nagô-jeje, da etnia Mahi, e dizia ter sido uma princesa na África. O que sabemos ao certo é que foi uma das lideranças femininas da “Revolta dos Malês”, em 1835, ocorrida no Estado da Bahia. Mãe de Luís Gama – poeta e um dos maiores abolicionistas do Brasil.

22 e 23 GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, 1983.

24 Texto “Lembrando Lélia Gonzalez”, de Luiza Bairros, disponível em: www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n23_p347.pdf.



Evento SECNEB - Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil, Cachoeira, Bahia, 1981 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Essa visão impulsionará a mobilização e a organização das mulheres negras. Quando um grupo de mulheres se reuniu na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no ano de 1975, para comemorar o Ano Internacional da Mulher, designado pela ONU, lá estavam as mulheres negras denunciando a exploração e a opressão a que eram submetidas²⁵.

Essa presença tornou-se recorrente, em eventos posteriores, fortalecendo as agendas políticas desse segmento.

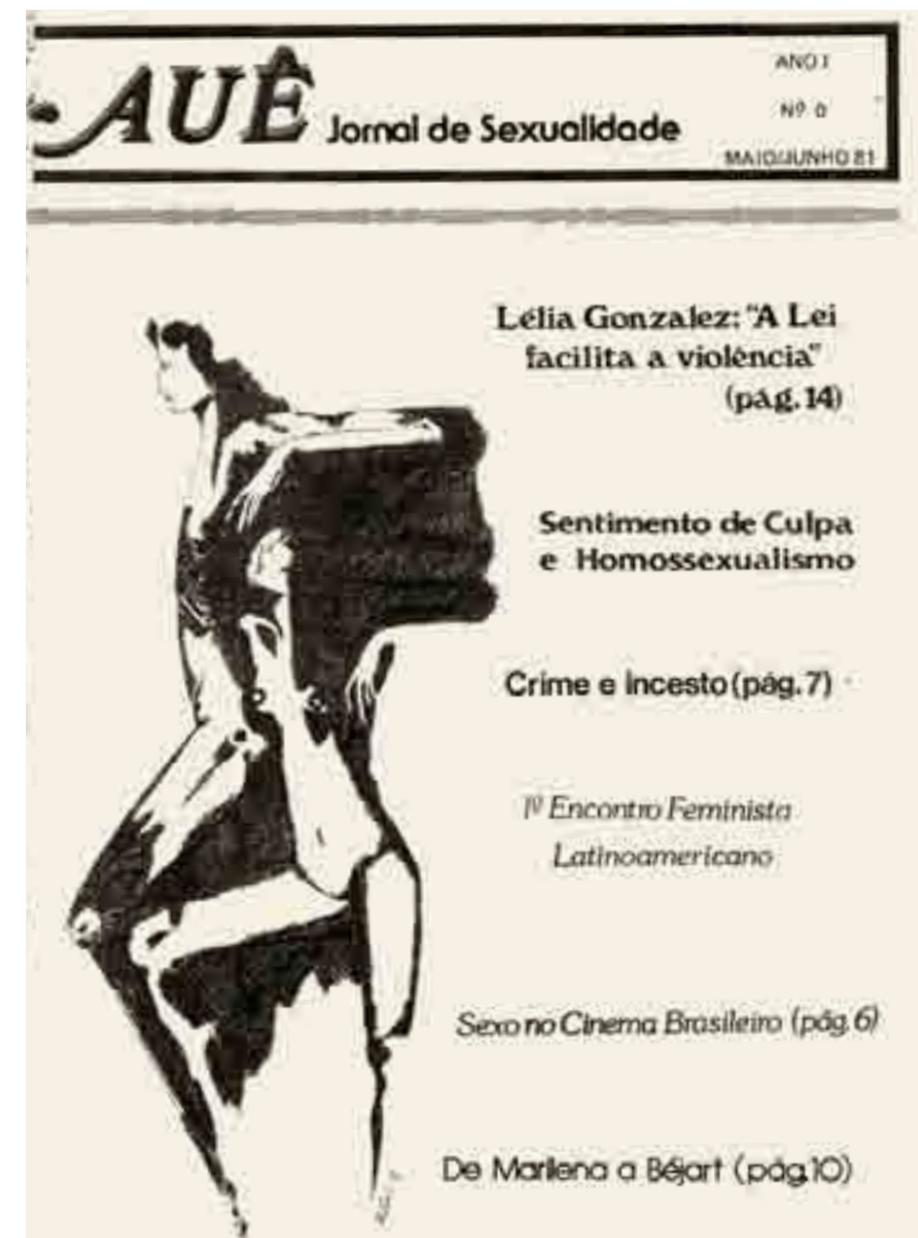
Lélia apontou, ainda, as formas particulares de violência, abuso e assédio sexual que os estigmas e estereótipos raciais produziam sobre as mulheres negras desde os tempos coloniais. Em uma de suas falas mais cruas sobre esse processo de atribuição de uma sexualidade estigmatizada às mulheres negras, Lélia denunciava a maneira pela qual a iniciação sexual dos homens brancos se dava pela apropriação sexual das escravas negras, submetidas ao poder patriarcal colonial. Tratava-se de um momento histórico, no qual as mulheres brancas se achavam confinadas no espaço doméstico e sua sexualidade estava sob o absoluto controle do poder masculino e só podia ser exercida para fins de reprodução, conforme as rígidas regras da moralidade da época que, “naturalmente”, só se aplicavam às mulheres brancas.

Esse comportamento masculino em relação às mulheres negras irá se reproduzir, no período pós-abolição, no impune assédio sexual às empregadas domésticas, sendo perceptível também na forma estereotipada de representar as mulheres negras como mulatas.

²⁵ GONZALEZ, Lélia. Afro-Ásia. Salvador, n. 23, 2000. Seção Homenagem. Disponível em: <<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011.



Lélia Gonzalez, Coretta Scott King, e Benedita da Silva, década de 1980 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Entrevista Lélia Gonzalez, *Jornal Auê*, Rio de Janeiro, 1981 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez. III Congresso Afro-Brasileiro. Recife, Pernambuco, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

Analisando as reflexões de Lélia sobre o imaginário corrente na sociedade em relação às mulheres negras, o pesquisador Alex Ratts aponta que: *Lélia Gonzalez identifica que as mulheres negras no espaço público em geral e do entretenimento, em especial no âmbito carnavalesco, eram vistas como mulatas. Figura que permeia o imaginário colonial escravista brasileiro, se reconstituindo no período republicano em que floresce o mito da democracia racial (...)*²⁶.

Ratts percebe que, em Lélia, *o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura de mucama. E, pelo visto, não é por acaso que, no [dicionário] Aurélio, a outra função da mucama está entre parênteses [amásia escrava]. Deve ser ocultada, recalçada, tirada de cena. Mas isso não significa que não esteja aí, com sua malemolência perturbadora. E o momento privilegiado em que sua presença se torna manifesta é justamente o da exaltação mítica da mulata nesse entre parênteses que é o Carnaval. Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano (...). Como se pode observar, a autora divisa uma imagem no espaço público e outra no espaço privado, mas apreende que ambas se prolongam de um âmbito para o outro assim como as imagens referidas de mulata e doméstica.*

26 RATTIS, Alex. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 07 à 10 de agosto, 2011

Duplo pertencimento

Lélia Gonzalez participava de dois movimentos sociais: o movimento feminista e o movimento negro, entre os quais ela atuava como mediadora, partilhando perspectivas e reivindicações, bem como uma história de violências e opressões. Esse duplo pertencimento fazia com que seu feminismo incorporasse, sempre, a sensibilização e parceria dos homens no processo de emancipação das mulheres, ao contrário do que era corrente na época, sobretudo para a construção de relações mais igualitárias na vida privada. Por isso para Lélia: *A questão da sexualidade tem que ser discutida num nível mais amplo e não no nível do orgasmo, pura e simplesmente. Estou propondo um orgasmo muito maior, um prazer e uma felicidade muito maiores. [...] Precisamos assumir uma posição mais equilibrada em termos dessa relação homem/mulher, por que eu não sou mulher sozinha, eu sou mulher com um homem, e é nessa relação que eu vou afirmar a minha “mulheridade”, numa relação de troca com o homem, se não a gente dança. E esses valores da cultura africana estão lá esquecidos no inconsciente da gente, e têm muito a contribuir no sentido do equilíbrio da relação homem/mulher*²⁷.

27 MNU Jornal, [S.l.], n. 19, p. 08-09, maio/jul. 1991. Entrevista.



III Conferência Mundial sobre a Mulher. Lélia e outras militantes. Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985

| Acervo Lélia Gonzalez

Igual direito de trabalhar.

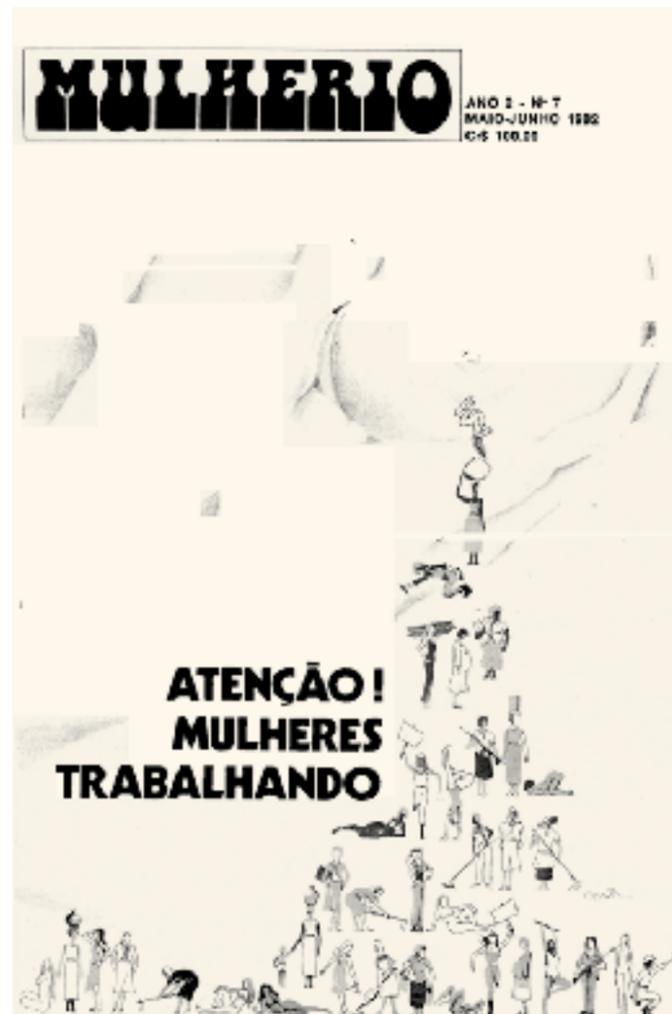
Diferente direito de receber...

Lélia estudou as condições históricas de inserção das mulheres no mundo do trabalho e chamou a atenção para a manutenção, do passado até o presente, de ocupações majoritariamente exercidas pelas mulheres negras. Identificou essa situação com a ideologia racista que impõe a essas mulheres a subalternidade social como destino.

A condição das mulheres negras como trabalhadoras domésticas será objeto de um artigo de Lélia intitulado provocativamente "E a trabalhadora negra, cumé que fica?": *Nossa situação atual não é muito diferente daquela vivida por nossas antepassadas: afinal, a trabalhadora rural de hoje não difere muito da 'escrava do eito' de ontem; a empregada doméstica não é muito diferente da 'mucama' de ontem; o mesmo poderia dizer-se da vendedora ambulante, da "joaninha", da servente ou da trocadora de ônibus de hoje, e "escrava de ganho" de ontem*²⁹.

A luta pela regulamentação do trabalho doméstico havia iniciado na década de 1940, por um grupo de mulheres integrantes do Teatro Experimental do Negro. A legislação trabalhista, recém-criada no governo Getúlio Vargas, não assegurava os mesmos direitos às trabalhadoras domésticas. Com isso, o Conselho Nacional das Mulheres Negras, presidido pela jornalista Maria do Nascimento, fundou a Associação das Empregadas Domésticas. No entanto, somente na década de 1970, essa classe foi contemplada com algumas garantias.

29 GONZALEZ, Lélia. E a trabalhadora negra, cumé que fica? *Mulherio*, São Paulo, ano 2, n. 7, maio/jun. 1982. Seção Trabalho, p. 9



Lélia Gonzalez. Artigo "E a trabalhadora negra cumé que fica?" *Jornal Mulherio*, São Paulo, 1982 | *Arquivo Lélia Gonzalez*

Ao lado: Lélia Gonzalez. Artigo "Mulher negra, essa quilombola", *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 1981 | *Arquivo Folha de São Paulo*

A situação da mulher negra hoje não é muito diferente de seu passado de escravidão.

Mulher negra, essa quilombola

Lélia Gonzalez

De repente, o grande público toma conhecimento da importância do 20 de Novembro para nós, negros deste País. Justamente porque a morte de Zumbi transfigurou-se no ato, que, por excelência, aponta para a vida. Ao morrer, Zumbi continuou vivo, permanecendo na consciência de seu povo e também na dos opressores desse povo.

PALMARES, SOCIEDADE ALTERNATIVA

No primeiro caso, transformou-se no símbolo da resistência e da luta por uma sociedade alternativa, onde negros, índios e brancos fossem considerados a partir daquilo que os torna iguais: sua humanidade, e organizados a partir dos critérios democráticos com a justa distribuição dos frutos de seu trabalho. E não há dúvida de que Palmares foi a primeira tentativa de criação dessa sociedade igualitária, onde existiu uma efetiva democracia racial. Por aí se pode compreender porque os movimentos negros do período pós-abolição tiveram nela e em Zumbi a garantia histórica e simbólica de suas reivindicações. E não foi por outra razão, que, em 1978, em memorável assembléia realizada em Salvador, o Movimento Negro Unificado estabeleceu o 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra.

No segundo caso, ele personificou a ameaça da perda de privilégios de raça e classe, sempre presente e perigosa para o dominador. Não é por acaso que Zumbi se encontra no imaginário popular nordestino, caracterizado como um malvado demônio noturno que rouba crianças mal comportadas (o que, aliás, não deixa de ser uma bandeira).

O PAPEL DA MULHER NEGRA

Mas cabe aqui uma pergunta: onde é que a mulher negra entra nesse papo? Será que vamos falar de Dandara ou de Luísa Mahim? Não, especialmente. Mas enquanto quilombolas, não há dúvida. É claro que, aqui, o termo está sendo tomado num sentido mais amplo, metafórico mesmo. A mulher negra tem sido uma quilombola exatamente porque, graças a ela, podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro. E, numa primeira aproximação, podemos afirmar que ela só tem a ver com os dois tipos de permanência de Zumbi na cabeça da moçada. Tentemos explicar.

Enquanto escrava, ela foi dirigida para diferentes tipos de trabalho, que iam desde aquele no campo (plantação de cana, de café etc) até o trabalho doméstico. No primeiro caso, enquanto escrava do eito, ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitante destes últimos, ela participou, como em Palmares, das lutas contra as expedições militares destinadas à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e anti-racista.

Em termos de trabalho doméstico, vamos encontrá-la na função de mucama e/ou ama de leite. Nessas circunstâncias, ela mantinha um contato direto com seus senhores, assim como com tudo aquilo que tal contato implicava (desde a violência sexual e os castigos, até a reprodução da ideologia senhoria). Mas foi justamente a partir daí que ela fez a cabeça do dominador, sobretudo, ao exercer a função materna enquanto "mãe preta".

RESISTÊNCIA PASSIVA

De acordo com opiniões meio apressadas, a "mãe preta" representaria o tipo acabado da negra acomodada, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu da maneira mais cristã, oferecendo a face ao inimigo. Acho que não dá para aceitar isso como verdadeiro, sobretudo quando se leva em conta que sua realidade foi vivida com muita dor e humilhação. E justamente por isso, não se

pode deixar de considerar que a "mãe preta", também desenvolveu as suas formas de resistência: a resistência passiva, cuja dinâmica deve ser encarada com mais profundidade.

Papo vai, papo vem, ela foi criando uma espécie de "romance familiar", cuja importância foi fundamental na formação dos valores e das crenças do nosso povo. Conscientemente ou não, ela passou para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em "português" e, conseqüentemente, a cultura brasileira. E, no caso nordestino, foi contando histórias pro "sinhôzinho" que ela transou o Zumbi enquanto figura ameaçadora de crianças malcriadas. Pois é...

A situação da mulher negra hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernas ou não de movimentos negros, preparando-se para subir a Serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares, o Mocambo do Macaco. O projeto do Memorial Zumbi, do qual fazemos parte, realizou um ato solene, uma homenagem a

MARLI MULHER

Acordar cedo, pegar água na bica, deixar as coisas adiantadas para que a filha mais velha termine, trabalhar nas casas de madames ou como servente no supermercado. Voltar à noite, lavar umas "roupinhas", acordar mais cedo no dia seguinte pra enfrentar a fila no posto de saúde, porque uma das crianças está doente, etc. etc... Nada disso a faz esmorecer. Em matéria de dupla jornada, estratégias de sobrevivência e coisas que tais, ela é escoladíssima. E, muitas vezes, pensamos em Marli Soares, ela sempre dá um jeito de ir ao samba pra exercer sua ludicidade e com todo o direito. Corte um carnaval como ninguém e adora desfilir na avenida. E não deixa de ir ao terreiro ou ao centro, porque põe fé nos orixás ou nos putas. Pode ter medo de barata mas de polícia não. E se a isto se acrescenta um mínimo de consciência política, a gente sabe no que vai dar.

Por aí dá pra entender porque o primeiro passo que a mulher negra dá, em termos de conscientização, tem a ver com a luta contra o racismo, posto que não só ela, mas seus filhos, irmãos, parentes, companheiro, amigos e conhecidos dele são vítimas. Depois é que ela "saca" o lance do sexismo. Sua participação nos movimentos negros foi e tem sido cada vez mais intensa, da maior significação. Quando a gente anda por este Brasil agora e conhece os movimentos negros regionais, uma coisa se evidencia com a maior clareza: a presença crescente, e muitas vezes majoritária do mulherio. E, ainda mais, dá pra perceber que as lideranças desses movimentos, em muitos casos, é dela, mulher negra. O que não é de espantar, pois, enquanto setor mais explorado e oprimido, e consciente disso, ela vê muitas coisas do sistema não só na sua estratégia de exploração dos trabalhadores, mas enquanto organização racista e sexista. Conseqüentemente, sua luta se dá em três frentes, e quanto mais desenvolve sua prática em termos de movimento, mais sua lucidez e sua sensibilidade se enriquecem. De repente, ela acaba tendo um jogo de cintura muito maior do que acreditava possuir.

HERDEIRA DOS QUILOMBOLAS

Nesse sentido, ela é a grande herdeira dos quilombolas, como Dandara e Luísa Mahim, de Tia Ciata e Mãe Senhora, mas

sobretudo da grande massa anônima que na casa grande ou na senzala, no eito ou nos quilombos, no candombê ou na umbanda, nos ranchos ou nos atóxê, garantiu a sobrevivência de todo um povo, enquanto raça e cultura.

Aqui nas Alagoas, um grupo de mulheres negras de diferentes Estados, representantes ou não de movimentos negros, preparou-se para subir a Serra da Barriga, onde se situava a capital de Palmares, o Mocambo do Macaco. O projeto do Memorial Zumbi, do qual fazemos parte, realizou um ato solene, uma homenagem a

Zumbi, no 20 de novembro. Enquanto isso, no resto do País, uma série de eventos estavam acontecendo neste Dia Nacional da Consciência Negra, promovidos pelos movimentos negros. E lá, no alto da Serra, durante a solenidade, ficamos pensando naquelas palmarinas, que preferiram matar os próprios filhos e se suicidaram em seguida, para não se deixarem escravizar.

Lélia Gonzalez é antropóloga e militante do movimento negro.



Há muita coisa ainda a recalar o lindo mucama negra, carne perdida...



...noite estancada, rosa trigueira, magra primeira. ("Anciã negra", Jorge de Lima).

Representantes negros discutem o MNU.

A consciência negra e a comunidade

A questão crucial é como articular a luta em torno de um programa identificado com as necessidades concretas e imediatas dos negros brasileiros.

Entrevistas a Hamilton Cardoso

O grande momento dos "magnos" políticos do regime deu-se quando concluíram que a tradição autoritária da sociedade brasileira poderia impor-se facilmente à diversidade política e ideológica. Conseguiram, assim, estabelecer a mais completa confusão nas oposições, criando um caminho indefinido diante das redefinições políticas dos "democratizantes" do regime. Agilidade política tornou-se a palavra de ordem, desmascarando um elemento essencial, mas até então apenas implícito na articulação dos grupos políticos da sociedade: a sua vocação para o poder. Esta, talvez, seja uma das razões de certa inércia atual das mobilizações anti-raciais dos negros.

ERROS NECESSÁRIOS

José Adão de Oliveira, membro da Executiva Nacional do Movimento Negro Unificado parece valer-se dessa análise para explicar certas características atuais do movimento negro. Ele admite a existência de crise política na organização dos movimentos, mas ressalta a existência "do desenvolvimento da consciência negra, muitas vezes, vinculada ao desenvolvimento de uma nova consciência sindical na sociedade brasileira". Para ele, a questão é "como articular um programa comum e

objetivo identificado com as necessidades concretas e imediatas da comunidade negra, para, a partir daí, organizá-la em sua luta contra a discriminação racial e por melhores condições de vida".

Quem tende a concordar com ele é a reverenda Abigail da Silva, pós-graduada em Comunicações no Instituto Metodista de Rudge Ramos, para quem "faltou um projeto político que permitia ao movimento negro superar a sua primeira fase de juventude, onde cometeu erros, através de uma política vanguardista que o desvirtuou em alguns setores da comunidade e mesmo da sociedade como um todo". Erros necessários, no entanto, "porque o movimento negro, especialmente o Movimento Negro Unificado, conseguiu causar um impacto muito grande na sociedade, atingindo não apenas os negros mas até as instituições" como aquela à que ela pertence — a Igreja Metodista, onde alguns negros "criados no mundo dos brancos e para o mundo dos brancos, começaram a se perceber como negros de uma Igreja branca". E debatem as suas contradições dentro dela.

CONQUISTAS

"Legitimar a luta contra o racismo foi a grande conquista do Movimento Negro"

Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981.
Na foto Abdias do Nascimento faz um discurso em homenagem as/aos guerreiras/os palmarinas/os | Acervo JG/Foto Januário Garcia





Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981. Na foto Abdias do Nascimento – num ato simbólico – beija a terra de Palmares | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Por um Feminismo Afrolatinoamericano

Lélia não se limitou à crítica do movimento feminista branco. Ela também se deteve naquilo que considerava desvios do emergente feminismo negro, pois não representava a trajetória das mulheres negras das classes populares, não traduzia suas necessidades prioritárias e nem dialogava com suas expressões culturais próprias.

Para equacionar essas contradições, ela apontava que as amefricanas, as mulheres da diáspora africana na América Latina e no Brasil, teriam resistência ao feminismo por não se verem nele representadas e por seu discurso lhes parecer algo distante de suas experiências e de seus cotidianos. Segundo Lélia: *Herdeiras de outra cultura ancestral, cuja dinâmica histórica revela a diferença pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de mulheridade do que de feminidade, de mulherismo do que de feminismo. Sem contar que sabem mais de solidariedade do que de competição, de coletivismo do que de individualismo*²⁹.

Com essa posição, Lélia irá confrontar o feminismo latinoamericano no artigo Por um Feminismo Afrolatinoamericano: (...) *apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação por orientação sexual, não aconteceu o mesmo com outros tipos de discriminação, tão grave como aquela sofrida pela mulher: a de caráter racial*³⁰.

Ainda nesse artigo, destaca a dívida histórica que o feminismo tem com a luta dos direitos civis na América liderada por Martin Luther King, sabedora que, desse processo, as mulheres brancas norte-americanas foram grandemente beneficiadas. Para ela, as importantes contribuições do movimento dos direitos civis, nos Estados Unidos, impulsionaram a mobilização do movimento feminista norte-americano o feminista motivou a criação de outros grupos de resistência, tais como grupos de mulheres negras, grupos de mulheres negras lésbicas, grupos LGBT dentre outros³¹.

29 RATTIS, Alex. As amefricanas: Mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. In: FAZENDO GÊNERO 9, DIÁSPORA, DESLOCAMENTOS, 2010, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero - UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares>

30 GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: *Revista ISIS Internacional*, Santiago, n. 9, jun. 1988.

31 GONZALEZ, Lélia. Amefricanidade: Nanny. *Humanidades*, Brasília, ano 5, n. 17, p. 23-25, 1988.

Nesse processo de deslocamento de uma concepção eurocêntrica do feminismo latino americano, Lélia delineia uma proposta de “outro”, o afrolatinoamericano, tomando como paradigma a figura histórica e heróica de Nanny, guerreira e mãe de seu povo na Jamaica, que constitui-se, como Zumbi, entre nós, num dos pilares da amefricanidade³².

À Nanny corresponderiam, na história brasileira, mulheres negras “esquecidas” por longo tempo por nossa historiografia como Dandara, Aquilante, Maria Felipe, Luiza Mahin entre tantas que começam a adquirir visibilidade graças ao esforço, sobretudo, de ativistas, feministas e pesquisadoras.

O Projeto Memorial Zumbi, do qual Lélia fazia parte, realizou um ato solene na Serra da Barriga, Alagoas, em homenagem à Zumbi e a todas as guerreiras quilombolas que lutaram heroicamente contra a escravidão. Nesse evento, Abdias do Nascimento, liderança negra, beijou o chão de Palmares num gesto simbólico.

Lélia identificou nessas personagens históricas traços comuns que simbolizam as estratégias utilizadas pelas mulheres negras, no contexto colonial, em defesa de suas comunidades, de seus valores culturais e tradições. Em distintos momentos, ela destacou a figura da mãe preta como aquela que melhor representa a resistência negra contra a escravidão. Dessa perspectiva, Lélia cunhará a categoria de amefricanidade.

É nessa matriz histórica, segundo Lélia, que as amefricanas devem buscar inspiração para construir sua concepção feminista, pois há nela um patrimônio libertário que deveria ser recriado e atualizado constantemente pelas mulheres negras em suas lutas por emancipação e reconhecimento no presente.

32 GONZALEZ, Lélia. Amefricanidade: Nanny. *Humanidades*, Brasília, ano 5, n. 17, p. 23-25, 1988.



Para além de seu caráter geográfico, amefricanidade designa todo um processo histórico de intensa dinâmica cultura (resistência, acomodação, reinterpretação, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e remete à construção de toda uma identidade étnica. Lélia Gonzalez, *Revista Humanidades*: p. 23

De acordo com o pesquisador Alex Ratts (2010), esse conceito ‘mulherismo’ é uma tradução livre de Lélia Gonzalez para o termo ‘womanism’ criado pela escritora afro americana Alice Walker, conhecida por sua obra “A cor púrpura”. WALKER, Alice. *The color purple*. United States: Harcourt Brace Jovanovich, 1982.

Lélia Gonzalez. Dia Nacional da Consciência Negra, Serra da Barriga, Alagoas, 1981

| Acervo JG/Foto Januário Garcia



Tony Tornado e Trio Ternura cantando no V Festival Internacional da Canção | CREDITO

Lélia nos ajudou a entender melhor o racismo como uma ideologia de dominação social que fomenta políticas discriminatórias e racistas³³. Januário Garcia

O fim da ditadura militar, no final dos anos 1970, consolidou a possibilidade e esperança de redemocratização da sociedade. Com isso, os movimentos de resistência social ressurgiram com ideais de democracia e cidadania. Nessa efervescência, emergiram novos grupos de militantes negros, outros se estruturaram e, assim, várias entidades de combate ao racismo despontaram na sociedade brasileira.

No Rio de Janeiro, já ocorria o encontro permanente da massa de negros anônimos através do movimento *soul*, que ficou conhecido como *Black Rio*, uma mistura de *funk*, *samba* e *jazz*.

O ator Tony Tornado, recém chegado de uma temporada nos Estados Unidos, se apresentou no V Festival Internacional da Canção, com o Trio Ternura, e trouxe toda uma estética da resistência negra norte-americana. Arrancou gritos da platéia presente, interpretando a canção BR03 e fazendo passos do cantor negro James Brown.

³³ Entrevista concedida por Januário Garcia à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 28 de setembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

A jornalista Lena Frias (1944 – 2004), uma das maiores divulgadoras da cultura popular brasileira, na época, do *Jornal do Brasil*, escreveu diversas reportagens sobre esse fenômeno que trouxe, além da música, uma estética muito marcante: cabelo *Black Power* e roupas coloridas³⁴. Na concepção de Lélia, esse movimento significava a comunidade negra jovem resistindo aos mecanismos de exclusão que o sistema lhe impunha. Para ela, a cultura devia ser pensada como um elemento de conscientização política.

Os fenômenos do *Black Rio*, do *Black São Paulo* e da Noite da Beleza Negra, em Salvador, para além de uma valorização estética, representaram um momento de conscientização política e valorização de uma identidade negra. O sentido de pertencimento étnico fortalecia um movimento negro que estava ressurgindo.

Nesse período, o regime militar controlava a vida política, social e cultural do país. No entanto, a censura imposta pelo Ato Institucional nº 5 não intimidou a organização de festivais, congressos e a criação de centros de pesquisas. Outros espaços estratégicos eram planejados para discutir os rumos do país.

No ano de 1974, Lélia participou das Semanas Afro-Brasileiras, entre os dias 30 de maio a 23 de junho, no Rio de Janeiro, promovida pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) e pela Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB) de Salvador, com a colaboração do Museu de Arte Moderna.

³⁴ FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976. Caderno B, p. 4-6.



Folder da 1ª Noite da Beleza Negra, Grupo Afro Agbara Dudu, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez
Abaixo: Reportagem JB | Foto: Almir Veiga/CDPDOC/JB



3 A LUTA ANTIRACISTA DE LÉLIA GONZALEZ



O ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL

B

BLACK RIO

Lena Frias Foto de Alan Fraz



Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

BLACK RIO

TRÊS ANOS, TRÊS DEZES DE "SOUL", ENTA FURIBUNDO EM NOCTURNO DO "BLACK POWER"

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.



Cláudio, Beto, Beto, Beto, Beto, tudo isso para o orgulho de ser Black.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

Um dos muros que fazem do Rio de Janeiro o maior centro de Black Power do Brasil. O muro de Black Power, no bairro de Santa Theresa, é o maior do mundo.

BLACK RIO

EM VIAGEM PARA A COMUNICAÇÃO ENTRE NEGROS, NÃO UM MOVIMENTO DE NEGROS



Na semana passada, em Salvador, os jovens negros fizeram uma reunião para discutir o movimento.



Um dos momentos da reunião em Salvador.



Lélia Gonzalez na reunião da Diretoria do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, IPCN - 1986/7 | Acervo JG/Foto Januário Garcia



O evento viabilizou o encontro de pessoas de diferentes partes do país, interessadas na articulação de um movimento negro nacional. O que estava em pauta era a conjuntura política, a situação da população negra e a necessidade de ação política organizada por parte dos negros e das negras.

A partir dessas reuniões, elaborou-se um material informativo e educativo sobre a questão racial no Brasil, a discriminação e a história da África. Formava-se ali o embrião de um movimento negro com expressão nacional.

Nessa ocasião, além de sua militância, Lélia iniciou o mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ, mas não chegou a concluir. Politicamente, ela participava da fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), do qual integrou a Assessoria Política.

Muitas línguas em uma só... o pretuguês

A questão cultural se fazia presente no discurso de Lélia Gonzalez, como fator de extrema importância para construção de uma consciência política. A cultura brasileira para ela era eminentemente negra e de raízes africanas e sua compreensão estava na leitura de autores africanos. Para ela, o Brasil falava o “pretuguês”, em função da forte influência de línguas africanas na nossa formação histórico-cultural.

Os membros do IPCN denunciavam como os meios de comunicação de massa se apropriavam, exploravam e deformavam a cultura negra. E tornavam pública a forma como a população negra era submetida à colonização racial e cultural, através das normas e valores europeus, bem como a política institucional de negação do racismo edificada pelo Estado brasileiro e apoiada no slogan da “democracia racial”.

O IPCN foi fundado em 08 de junho de 1975 por um dos grupos dissidentes que frequentavam o Teatro Opinião, em Copacabana/RJ, com a finalidade de estudar, pesquisar, denunciar e combater o racismo e todo e qualquer tipo de discriminação racial, representado em suas mais variadas formas.

Lélia Gonzalez e o compositor e intérprete Paulinho da Viola | Acervo Lélia Gonzalez
Lélia Gonzalez, Cachoeira, Bahia, 1981
| Acervo Lélia Gonzalez

Um dos posicionamentos expressivos de Lélia sobre esse tema foi a carta por ela enviada ao apresentador de TV Abelardo Barbosa, “Chacrinha”, a propósito de uma entrevista concedida por ele à Cidinha Campos, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, por ocasião do dia 21 de março – Dia Internacional contra a Discriminação Racial, instituído pela ONU. Lélia escreveu nessa carta:

Quanto ao Chacrinha

, ele pôs os pingos nos “is” ou, se quiser, o preto no branco. Da maneira mais incisiva e decidida, afirmou a existência concreta da discriminação no Brasil, especificamente no campo de suas atividades profissionais. E declarou que nas emissoras de televisão onde trabalhou anteriormente (Globo e Tupi), programas de auditório como o seu sofriam uma série de restrições: proibia-se que as câmeras focalizassem diretamente o auditório, para que os negros não fossem mostrados. Proibidos os “closes” dos/as negros/as componentes desse público fiel que, na sua humilde espontaneidade, procura ver de perto os seus ídolos e lhes prestar suas homenagens. Os negros ou negras só poderiam ser focalizados de passagem ou de costas. E Chacrinha continuou denunciando o absurdo de tais restrições, uma vez que o Brasil é um país de negros; e, com suas metáforas incríveis, ele afirmava: “Eu sou negro, nós todos somos negros e até mesmo essas louras ou morenas que vemos por aí, também são negras”. Foram as declarações mais vigorosas e contundentes que ouvimos naquele 21 de março. Axé pra você, Velho Guerreiro, que, nas suas supostas loucuras tem apontado para muitas verdades que as autoridades governamentais, os políticos “progressistas” e os intelectuais idem, não têm a honestidade de assumir³⁵.

Em 1975, um grupo de compositores, sambistas e pessoas ligadas ao samba, sob a liderança de Antônio Candeia Filho, fundava o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. A agremiação tinha como objetivo primeiro tornar-se um centro de resistência e resgate da cultura negra brasileira, procurando enfatizar a sua importância e contribuição na nossa formação, bem como discutir e reconstruir uma identidade cultural afro-brasileira capaz de garantir suas tradições e memória, enquanto legado dos primeiros africanos que foram trazidos para o Brasil³⁶.

Algo que deixou Lélia bastante orgulhosa foi a sua influência indireta sobre a escolha do enredo para o carnaval de 1979. Sentiu-se envaidecida porque seu nome estava ao lado de intelectuais como Arthur Ramos, Nina Rodrigues, Edson Carneiro e Alípio Goulart. Além disso, ela exaltava o samba e estava sempre presente nas quadras e nas rodas de partido-alto, com grandes compositores e intérpretes, como Paulinho da Viola, Clementina de Jesus e outros.

Candeia, então presidente do Grêmio, baseado no que havia lido e ouvido de Lélia e de outros teóricos das relações raciais, escolheu o tema Noventa anos de Abolição para o enredo daquele ano. Nesse momento, ela percebeu a responsabilidade de seu trabalho junto à comunidade negra. O episódio abaixo descrito ilustra bem a ressonância que a atuação de Lélia provocava.

Não dá para esquecer aquela tarde ensolarada em que a gente se mandou pra Coelho Neto, pra levar um papo com Candeia sobre a participação do Quilombo no Ato Público. Papo vai, papo vem, ele nos presenteou com o folheto do enredo para o próximo carnaval: Noventa Anos de Abolição, escrito por Candeia. Digo que fiquei emocionada e lisonjeada de ter meu nome ao lado daqueles “cobras”; afinal, só escrevi um artiguinho aqui, outro acolá, fiz algumas conferências, provoqueei algumas reflexões, mas isso não significava tanto. Ele retrucou, dizendo que sabia muito bem do trabalho que eu vinha realizando “por aí” e que isso era tão importante quanto os livros dos “cobras”³⁷.

Candeia faleceu em 16 de novembro de 1978. No entanto, Lélia assumiu a responsabilidade de discutir com os membros da Ala dos Compositores o enredo que ele escrevera. Nei Lopes e Wilson Moreira tiveram o seu samba-enredo escolhido como o melhor, dentre outros muito bons. E num trecho do samba eles homenageiam o saudoso Candeia: “E os quilombolas de hoje em dia /São Candeia que nos alumia”³⁸.

35 GONZALEZ, Lélia. Carta a chacrinha. 4Shared. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/MOalZkOO/Carta_a_Chacrinha.html>. Acesso em: 10 maio 2011.

36 SILVA, Francisco Ernesto da. Candeia e a Escola de Samba Quilombo: a crítica ao processo de branqueamento das manifestações culturais afrobrasileiras. Guarulhos: Universidade Guarulhos, 2008.

37 e 38 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

A MAIS DRAMÁTICA DESCRIÇÃO DE ESCRAVOS NO BRASIL É DADA POR CASTRO ALVES, EM SEU POEMA NAVIO NEGREIROS; EIS ALGUNS TRECHOS:

*"Era um sonho dantesco . . . o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
em Sangue a se banhar,
Tinir de ferros . . . estalar de açetes . . .
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar . . ."*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente . . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais . . .
Se o velho arqueja, se no chão remala
Ourem-se os gritos . . . o chicote cutala,
E vomita mais e mais . . ."*

*Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão cambalviá,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enloquece,
Outro, que de marraricos, embrutece,
Cantando geme e ri!*

*No entanto o capitão manda e manobra,
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrar o chicote, maribuleiros!
Fazei-os mais dançar . . ."*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente . . .
E da ronda fantástica serpente
Faz doudas espirais . . .
Qual um sonho dantesco as sombras voam!
Gritos, ais, maldições, preces rezam!
E ri-se Satanás!*

3

*Aqui vende penão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerna
E as promessas divinas da esperança . . .
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que sobrevives a um povo de mortais!*

*Fatalidade atroz que a mente enrugou!
Extingue nesta hora o brigue mundo
O trilhão que Colombo abriu as vagas,
Como um íris no pélagos profundo!
Mas é infâmia demais! . . . Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse penão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!*



GRAN Escola de Samba Quilombo

1888 a 1978

APRESENTA TEMA ENREDO PARA O CARNAVAL

90 Anos de Abolição

Escrito por Candeia baseado nas publicações de Edson Carneiro, Lelia Gonzales, Nina Rodrigues, Arthur Ramos (As Culturas Negras no Novo Mundo) Alipio Goulart (Da Palmatória ao Patíbulo)

—•••••—

AGRADECIMENTO:

A todos que colaboraram para realização deste trabalho os meus sinceros agradecimentos aos meus familiares, Clovis Scarpino e ao CEBA de São Gonçalo Professora Dulce

—•••••—

NOTA - Pesquisa realizada na Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro e no Inst. Estadual do Livro da Secretaria de Est. de Educação e Cultura. (Niterói)

Os Documentos da Escravidão
Mostra Histórica Fluminense.

CANDEIA

Ao lado e acima: Folder do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo - GRANES Quilombo - no Carnaval do Rio de Janeiro, 1978. As publicações de Lélia Gonzalez e de outros intelectuais inspiraram a escolha do enredo "90 Anos de Abolição"

| Acervo Lélia Gonzalez

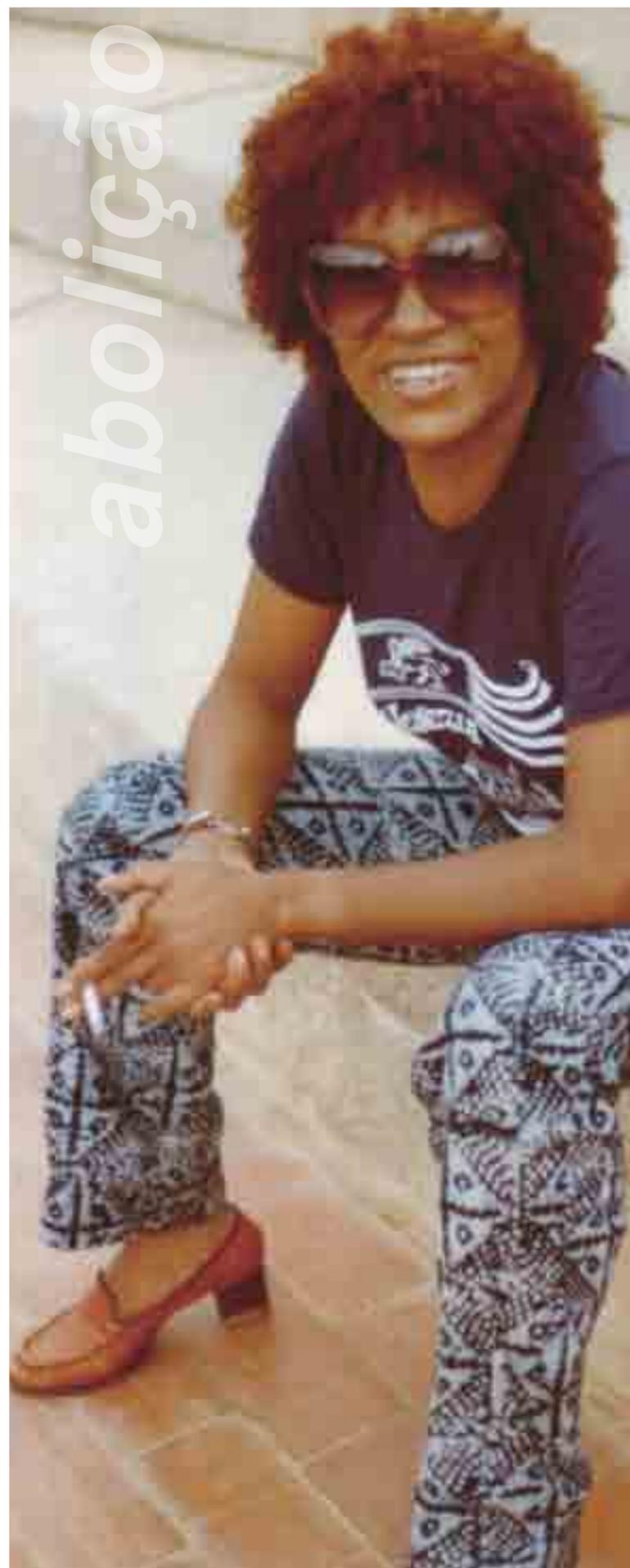
Noventa anos de abolição

(Nei Lopes e Wilson Moreira)

Hoje a festa é nossa
Não temos muito para oferecer
Mas os atabaques vão dobrando
Com toda a alegria de viver.
Festa no Quilombo Noventa anos de abolição
Todo mundo unido pelo amor
Não importa a cor
Vale o coração.
Nossa festa hoje é homenagem
À luta contra as injustiças raciais
Que vem de séculos passados
E chega até os dias atuais.
Reverenciamos a memória
Desses bravos que fizeram nossa história:
Zumbi, Licutan e Alumá
Zundu, Luís Sanin e Dandará.
E os quilombolas de hoje em dia
'São Candeia' que nos alumia
E hoje nesta festa
Noventa anos de Abolição
Quilombo vem mostrar que a igualdade
O negro vai moldar com a própria mão
E em luta pelo seu lugar ao sol
Não é só bom de samba e futebol.

Lélia Gonzalez pela primeira vez na África, Dakar, Senegal, 1979

| Acervo Lélia Gonzalez



Luiza Bairros, Socióloga, feminista negra e atual Ministra Chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR - nomeada em 2011 | Foto Elói Correia/Acervo SECOM

Sueli Carneiro, Filósofa, feminista negra e Co-fundadora do Coletivo Mulheres Negras de São Paulo, 1982 e do Geledés - Instituto da Mulher Negra, 1988 | Fotografia de Rauf Taillé/Acervo REDEH

Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), Sergipana, historiadora e militante negra. Foi co-fundadora, em 1975, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN - Rio de Janeiro. Estudiosa da temática dos quilombos, na década de 1980, publicou diversos artigos em periódicos e jornais de grande circulação do país | Fotografia Elisa Larkin Nascimento/ Acervo Lélia Gonzalez

Thereza Santos, Liderou a fundação do Coletivo de Mulheres Negras, em 1982, e foi a primeira negra a integrar a equipe do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo | Coleção Particular



Fazendo arte

Esse ano de 1978 foi um “divisor de águas” na trajetória de Lélia. Nessa ocasião, os contatos entre Rio de Janeiro e São Paulo, em termos de articulação do movimento negro, se fortalecem. As atividades desenvolvidas pelo IPCN serviam como canal para essa movimentação política e de conexão e interlocução entre as diferentes iniciativas que estavam surgindo.

A questão fundamental da discussão girava em torno da criação de um movimento negro de caráter nacional. E foi assim que começaram a ser lançadas, realmente, as bases do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, o MNUCDR. Junto com Abdias do Nascimento, Luiza Bairros, Maria Beatriz Nascimento, Thereza Santos, Nilza Iraci e outras lideranças estávamos engajados nessas discussões para criar estratégias de combate ao racismo. A criação do MNUCDR, que iria acontecer em 7 de julho de 1978, como veremos adiante, era uma delas.

Cultura negra na escola de artes visuais

Lélia, no bojo desse cenário de mobilização política, foi muito coerente em valer-se da sua função de professora de antropologia na Escola de Artes Visuais (EAV) no Parque Laje, para iniciar, institucionalmente, via Estado, no Rio de Janeiro, o primeiro curso de Cultura Negra no Brasil (1976 a 1978).

Para ela, esse curso objetivava reinterpretar a história do Brasil sob a ótica do negro, uma vez que a história oficial havia infantilizado e subalternizado sua presença na nossa sociedade. Com isso, a participação dos/as africanos/as escravizados/as na construção do nosso patrimônio seria visibilizada, assim como suas estratégias de resistência ao sistema: levantes, irmandades, insurreições, religiosidade, dentre outras que não estavam introduzidas nos materiais didáticos³⁹.

Esse processo de infantilização do negro seria objeto de um dos bordões criados por ela. Lélia foi contemplada na série Heróis de todo Mundo⁴⁰, um projeto da Cor da Cultura (2010), realizado pelo Canal Futura, Petrobras, Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), TV Globo e Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR).

Tive a honra de ser convidada para ser a intérprete de Lélia Gonzalez. No vídeo que a homenageava repeti uma de suas frases que representava de maneira sintética o desrespeito no tratamento dado a pessoas negras que vai da infantilização, passa por vezes pela animalização ou coisificação sempre resultando na redução da individualidade dos negros ou em sua desumanização. Disse Lélia: *negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido ao gosto deles*⁴¹.

Com essa formulação sintética, Lélia denunciava esse processo em que pessoas do grupo racialmente dominante se referem ou se dirigem a pessoas negras, utilizando expressões já corriqueiras em nosso cotidiano como: neguinho, pivete, moleque, crioulo, negão, negona.

Com essas preocupações, o curso sobre Cultura Negra no Brasil visava desenvolver um trabalho de revisão crítica sobre o lugar, o protagonismo e a importância do negro na africanização da cultura brasileira. Para tanto, Lélia atribuiu à Mãe Preta a responsabilidade de introduzir valores e códigos dos povos africanos⁴².

Conscientemente ou não, Lélia, oralmente, passava para o brasileiro branco as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. *Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em "pretuguês") e, conseqüentemente, a cultura brasileira*⁴³ (Sueli Carneiro).

39 GONZALEZ, Lélia. A presença negra na cultura brasileira. *Jornal Mensal de Artes*, Rio de Janeiro, n. 37, mar. 1977.

40 <http://www.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>. Acesso em: 02 set. 2012

41 Entrevista concedida por Sueli Carneiro à Schuma Schumacher em dezembro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

42 GONZALEZ, Lélia. Lélia fala de Lélia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 383-386, 2. sem. 1994.

43 ENTRE VISTAS. *Revista do CAEL*, Rio de Janeiro, n. 0, ano 1, p. 7-20, ago. 1983.



Reunindo artistas, como Zezé Motta, e intelectuais engajados a Escola de Artes Visuais tornou-se um dos maiores espaços político cultural da Cidade Maravilhosa, na década de 1970

| Leonardo Aversa/Agência O Globo

Descendo do pedestal teórico

Aprofundando ideias sobre a cultura brasileira, Lélia permaneceu na Escola de Artes Visuais (EAV) reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava uma visão crítica da realidade brasileira. A EAV tomou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro, naquele período.

A atriz Zezé Motta foi aluna de Lélia no curso sobre Cultura Negra no Brasil e, a partir de então, desmistificou muitas questões. De acordo com a atriz: *Eu não sabia nada sobre Candomblé, tinha medo até de passar na entrada de um terreiro. Quando saí pelo mundo para divulgar Xica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia Gonzalez e dele fazia parte assistir a um ritual de Candomblé. Já havia uma suspeita de que eu era filha de Oxum. No dia em que fomos assistir ao ritual, era justamente uma festa para Oxum. Adorei, achei lindo e descobri que era mesmo filha dela. De lá para cá eu, sempre que vou à Bahia, vou ao terreiro de Mãe Estela, o Ilê, Axé Opó Afonjá. Todo final de ano, faço um descarrego e de vez em quando jogo búzios. Toda vez que entro em cena, peço licença à Oxum para viver uma filha de Iemanjá e peço a Deus que meu trabalho resulte em algo bom. Durante muito tempo, e ainda acontece, as pessoas acharam que Candomblé e Umbanda eram religião de gente ignorante. Espero sinceramente que a Mãe Ricardina possa ajudar a quebrar esse preconceito*⁴⁴.

44 Entrevista de Zezé Motta para a Revista Raça Brasil, 2001.

Para Lélia, a formação cultural brasileira não poderia deixar de considerar o tripé que lhe deu origem, e que, portanto, era o seu suporte: a cultura africana, indígena e européia. Entretanto, afirmava que: *enfrentamos o problema de as manifestações dos negros e dos indígenas serem classificadas como 'folclore' e colocadas em museus de curiosidade, de coisas exóticas* ⁴⁵.

Lélia pôde trabalhar com aquilo que ela considerava como cultura, ou seja: *o conjunto de manifestações simbólicas através das quais os sujeitos sociais expressam suas relações com a natureza e entre si* ⁴⁶. Assim, constava de seu programa de curso de Cultura Negra no Brasil:

- 1 O problema da unicidade de uma cultura negra.
- 2 A religião enquanto simbolismo cultural dominante (candomblé, umbanda).
- 3 O negro na literatura.
- 4 Expressividade negra e artes plásticas.
- 5 Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor.
- 6 Contrastes e confrontos.

O objetivo era analisar as instituições e os valores culturais negros, assim como sua presença na formação cultural brasileira. Esse curso fez Lélia perceber que a sua militância não poderia ficar restrita a uma sala de aula. E também, que a sua linguagem acadêmica mais a afastava do público do seu curso (trabalhadores, professores de uma turma noturna) do que a aproximava, conforme disseram seus alunos. Era necessário que “descesse do pedestal teórico” para se fazer compreender pelas massas. Provavelmente, é a partir dessa experiência que decorre a sua opção por radicalizar uma forma de expressão que se tornou a sua marca registrada: rejeitar todo tipo de academicismo ou pedantismo intelectual para se comunicar.

Ao contrário, sua escolha centrou-se em uma forma de expressão que, sem perder densidade teórica e analítica, pudesse aproximá-la das populações negras de diferentes extrações sociais e níveis de escolaridade. Essa atitude lhe permitiu um trânsito raro entre as elites intelectuais e as massas populares que ela encantou igualmente com seu carisma natural e retórica original, que agregava tanto os elementos de uma reflexão profunda, quanto uma linguagem recheada de elementos populares, que tornava o seu pensamento acessível a todos.

Essa mediação de Lélia traduz a razão pela qual influenciou movimentos sociais e jovens intelectuais empenhados na produção de saberes que não ficassem restritos e confinados às bibliotecas.

Durante três anos seguidos (1976-1978), no mês de novembro, Lélia e a sua equipe realizavam um evento cultural na EVA, voltado para a visibilidade da produção cultural do/a negro/a, reunindo as mais diversas expressões do mundo das artes plásticas, grupos de dança e de poesia, exibição de filmes, seminários, lançamentos de livros, espetáculos de música, etc.



A CULTURA NEGRA NO BRASIL
Prof.ª Lélia de Almeida Gonzalez

1. O problema da unicidade de uma cultura negra.
2. A religião enquanto simbolismo cultural dominante:
 - a) Candomblé
 - b) Umbanda
3. O negro na literatura
4. Expressividade negra e artes plásticas
5. Samba, carnaval e futebol ou os fardos da cor
6. Contrastes e confrontos

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger - As religiões africanas no Brasil, 2ed.,
Biblioteca Plena de Ciências Sociais, U.F., 1971
- Estados afro-brasileiros, Ed. Perspectiva, S.P., 1973

CARRICHO, Edson - Ladinos e artesãos, Ed. Civilização Brasileira, Rio,
1964

FEINER, Wilfrid - Aspectos da literatura do mundo negro, C.E. Afro-
Oriental de U.F. de Bahia, 1969

JARRE, Octávio - As metamorfoses do escritor, Difusão Européia de Li-
vros, S.P., 1968

NABASSA, Gregory - O negro na ficção brasileira, Edições Tempo Bra-
sileiro, Rio, 1965

SANTOS, J.H. - Os negros e a morte, Ed. Vozes, Petrópolis, 1978

Lélia Gonzalez. Ementa do curso de Cultura Negra no Brasil - EAV, 1976 | Acervo Lélia Gonzalez

45 ENTREVISTAS. Revista do CAEL, Rio de Janeiro, n. 0, ano 1, p. 7-20, ago. 1983.

46 GONZALEZ, Lélia. Prefácio. In: MACIEL, Clóvis. et al. Cadernos Negros Poesia 5. São Paulo: Grupo Quilomb hoje, São Paulo, 1982. p. 3-6



Marcha Contra a Farsa da Abolição. Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

4

MNU – MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO



Com a fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação e o Racismo (MNUCDR), em 1978, no ano seguinte rebatizado de Movimento Negro Unificado (MNU), primeira organização negra a alcançar abrangência nacional, depois da Frente Negra Brasileira, o Brasil conhece Lélia Gonzalez.

Segundo ela: *eu gostaria de colocar aqui que eu pertencem ao Movimento Negro Unificado, que estamos aí numa batalha violenta no sentido de conquista de um espaço para o negro na realidade brasileira* ⁴⁷.

Na sua avaliação, o dia 07 de julho de 1978 representava: *Um marco histórico muito importante para nós, na medida em que se constituiu em ponto de convergência para a manifestação, em praça pública, de todo um clima de contestação às práticas racistas, assim como da determinação de levar adiante a Organização política dos negros. Ora, esse clima e essa determinação já haviam pintado em diferentes pontos do país, como já dissemos. Faltava esse 7 de Julho, garantia simbólica de um movimento negro de caráter nacional* ⁴⁸.

Sobre o evento de fundação do MNU, detalhava Lélia: (...) *E estávamos todos lá, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Muita atividade (distribuição da carta aberta à população, colocação de cartazes, faixas etc.), muita alegria, muita emoção. As moções de apoio chegavam e eram lidas com voz forte e segura. A multidão aplaudia. Como aplaudia os discursos que se sucediam. Graças às mensagens de solidariedade de grupos, organizações, entidades negras e brancas, de São Paulo e do Brasil; graças as falações que iam fundo em suas denúncias; graças àquela multidão ali presente (cerca de duas mil pessoas), negra na maioria (mas muitos brancos também); graças a todo um espírito de luta plurissecular de um povo, a emoção tomava conta da gente, causando uma espécie de vertigem. E um sentimento fundo tomou conta de cada um, quando ouvimos a leitura, a duas mil vezes, da Carta Aberta à População* ⁴⁹.

Para Lélia, o evento foi memorável e histórico. A fundação do MNU, porém, não agradava a gregos e troianos indiscriminadamente. E Lélia percebia que, além dos conservadores, havia por parte das esquerdas em geral, uma tentativa de reduzir a questão do negro a uma questão meramente econômico-social, ou seja, a uma questão de classe.

Na medida em que se liquida o problema de classes, na medida em que entramos numa sociedade socialista, o problema da discriminação racial é resolvido. A meu ver esse problema é muito mais antigo que o próprio sistema capitalista e está de tal maneira arraigado na cuca das pessoas, que não é uma mudança de um sistema para outro que vai determinar o desaparecimento da discriminação racial. [...] E todas as tentativas que esse povo efetuou no sentido de denúncia e de conquista dos seus direitos, enquanto cidadãos brasileiros, foram, de um modo geral, recebidos com indiferença ou então rechaçados como racistas às avessas, quer dizer, a gente passa por um processo de racismo violentíssimo, e quando a gente denuncia isso, somos chamados de racistas às avessas. As chamadas correntes progressistas brasileiras, elas minimizam da forma mais incrível as nossas reivindicações ⁵⁰.

Lélia Gonzalez

47, 48 e 49 GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero LTDA, 1982.

50 GONZALEZ, Lélia. Entrevista. In: PEREIRA, Carlos Alberto M, HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Patrulhas Ideológicas*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 202-212.



Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro, novembro de 1977 | *Alberto Jacob/Agência O Globo*

Na avaliação de Lélia:

As atividades do MNU no seu primeiro ano de existência ocorreram em diferentes níveis. Desde a denúncia dos casos de violência policial – que nos levou a defender a tese, junto ao Comitê Brasileiro pela Anistia, em seus dois congressos de 1978 e 1979, de que o negro brasileiro também é prisioneiro político, na medida em que é colocado sob suspeita e preso pelo simples fato de ser negro –, passando pelas manifestações em praça pública; o enterro simbólico da Lei Afonso Arinos, em São Paulo; realização de atos públicos e passeatas, por ocasião do 20 de Novembro, em diferentes capitais do país etc., ao trabalho de conscientização junto à comunidade negra. Seu trabalho de denúncia do racismo e da violência policial acabou por sensibilizar determinados setores da sociedade, tanto num sentido positivo quanto negativo⁵¹.

Ressalta ela que: *o advento do MNU consistiu no mais importante salto qualitativo nas lutas da comunidade seu Programa de Ação e em sua Carta de Princípios, inspiraram a criação de diversas entidades e grupos negros em vários pontos do país⁵².*

Motivada por todo esse momento de crescimento e avanço da luta racial, Lélia circulava pelos espaços de diferentes universidades e faculdades do Rio de Janeiro e fora do estado também, realizando palestras e conferências, espaços de poder simbólico-intelectual que sempre foram muito bem ocupados por Lélia de Almeida Gonzalez.

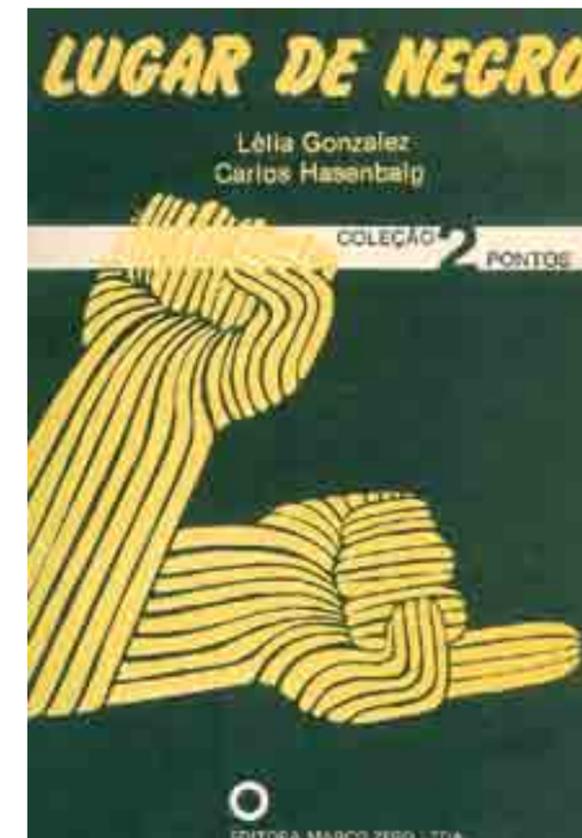
A historiadora Raquel Barreto, em sua dissertação de mestrado, destacou um fato curioso. No período em que o movimento negro se institucionalizava, as autoridades brasileiras se preocupavam com o alcance dessa mobilização. Os conflitos raciais que ocorriam nos Estados Unidos assombravam as forças oficiais do Brasil. Talvez, por isso, o nome de Lélia, e de outras lideranças, tenha sido incluído nos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em atividades antirracistas e não específicas contra a ditadura militar⁵³.

51, 52 e 53 BARRETO, Raquel de Andrade. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez*. 2005. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.



Pag 56 e ao lado: Ação do Movimento Negro Unificado (MNU). Zumbi está vivo – Ato público na Cinelândia, Rio de Janeiro, 1983

| *Acervo IG/Foto Januário Garcia*



Ao lado e acima: Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg.
Lugar de Negro, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez

Lugar de Negro

A intensa dedicação de Lélia Gonzalez à questão racial encontrará ainda outra forma de expressão no registro que ela nos deixou sobre o movimento negro contemporâneo. Em 1982, Lélia publica o livro *Lugar de Negro*, em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg. Ambos faziam parte de uma intelectualidade que buscava outras perspectivas de análise para os estudos sobre o negro na sociedade brasileira. Por isso mesmo, a publicação tornou-se uma obra de referência, situando-se num momento de revisão crítica da historiografia sobre o tema.

Lugar de Negro é uma obra dividida em três capítulos. O primeiro, de autoria de Lélia Gonzalez, discute o movimento negro na última década, registrando a trajetória da resistência negra em seu combate ao racismo e suas repercussões negativas sobre as condições de vida da população negra. De certa forma, nesse livro, Lélia Gonzalez faz uma espécie de balanço crítico de um processo do qual ela foi uma das principais protagonistas e sinaliza os desafios persistentes para o fortalecimento da organização política dos negros brasileiros para alavancar a efetiva igualdade de direitos e oportunidades na sociedade.

5

INTERNACIONALISMO: DO BRASIL PARA O MUNDO...

Ela era muito querida na Europa e na África, sempre quando voltava de uma viagem me mostrava fotos e as matérias jornalísticas que saíam sobre ela no local onde tinha ido fazer uma palestra, participar de seminários, etc...

Luiz Fernandes Dias



Women, Blacks Assume New Role In Brazil's Politics

RIO DE JANEIRO—Lélia Gonzalez, a black feminist leader who has campaigned this year for the Brazilian federal congress, organized and launched from the weekly table of her rhetorical apartment, said in somewhat cryptic terms:

Rita Gontalez, a 37-year-old anthropology professor, argues that the very fact that she is a candidate for congress in Brazil is a new revolutionary achievement. In a country whose military-ruled government is dominated by white males, Gonzalez is running not only as an independent feminist but also as a black and is seeking support from homosexual rights advocates.

"A factor has been broken," she said assertively. "A few years ago, no one would have believed that a candidate like me could exist."

With the Atlantic and most open Brazilian elections in 10 years of authoritarian rule scheduled for November, Gonzalez's campaign is only one indication of how Brazil's long disadvantaged minorities, including women, blacks, Indians and homosexuals, are beginning to take an active role in politics for the first time in the country's history.

Although activists in these social movements see their influence still lags well behind that of similar groups in the United States and Western Europe, not all of this year's candidates and groups face odds as difficult as Gonzalez. Broad political fronts have formed for both feminist and black candidates in the congressional and state government elections, and several major political parties have adopted feminist and black issues in their platforms. According to 1980 census statistics, 44 percent of the Brazilian population is black, Indian or mixed-race.

The government of President José Figueiredo, which is facing a stiff challenge from the opposition, has meanwhile begun responding to the political demands of the sex groups.

Government officials added a provision to the law of political parties last year requiring each party to have a women's commission, and many women and blacks have appeared on the tickets of the government's Social Democratic Party.

At the campaign launch on this month, Figueiredo also named Brazil's first woman Cabinet member, an education specialist who quickly announced that she was a feminist.

Perhaps the most dramatic development is the emergence of black rights activists in a country that 10 years ago prided itself as being a "racial democracy" where discrimination against blacks simply did not exist.

"There is more discrimination against blacks in Brazil than there is against blacks in the United States," said Carlos Alberto Medina, a black student and founder of the Black Africa Exchange Society. "But 15 years ago no one would admit that it was a problem."

Now, black activists can point to evidence of their status and statistics to persuade those who claim charges of unequal status.

The growth of the social movements is directly linked by their leaders to the gradual expansion of political freedoms under the Brazilian military.

It is only this year that black and feminist candidates have suddenly wanted to move over the political parties and support their own platforms and candidates.

The movements have met with substantial resistance within Brazil's traditional political ranks. At the first opposition party gathering attended by Rio de Janeiro's feminist group this year, for example, one woman, reading "Our bodies belong to us," was opposed by male party leaders to read "Our bodies belong to you."

Both black and women's leaders have also faced resistance from more conservative black and women's leaders and from many Brazilian whites, who argue that their issues should not be separated from the larger theme of inequality among Brazil's rich and poor classes.

—Jackson Diehl

COMUNICAÇÃO APRESENTADA NO ENCONTRO "LA MUJER, LA COMUNICACION E LO SVLUPPO EN AMERICA LATINA" (Roma, 13-17 de Junho de 1983)

A MULHER NEGRA NOS REIOS DE COMUNICACAO DE MASSA
CAVENS E FREIROS

BENEDITA DA SILVA
E
LÉLIA GONZALEZ

1. TÍTULOS: "DEMOCRACIA RACIAL" E RECONHECIMENTO

A NOÇÃO DE DEMOCRACIA RACIAL FOI DESENVOLVIDA POR GILBERTO FREYRE, NA DÉCADA DE 1930, E CONSTITUIU A VISÃO PÚBLICA E OFICIAL DA IDENTIDADE DO NEGRO. "SEGUNDO ELA, O NEGRO É UM CIDADÃO COMO OUTRO QUALQUER BRANCO. ENQUANTO NEGRO, NÃO ESTÁ SUJEITO A PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES. E SE ALGUEM, UM ESTRANGEIRO, POR EXEMPLO, FENOMENAL É UM BRASILEIRO NEGRO SOBRE A EXISTÊNCIA DO RACISMO EM NOSSO PAÍS, ELE REPRODUZIRÁ O DISCURSO OFICIAL DE TIPO QUE RACISMO É COM OS ESTADOS UNIDOS. QUE FRANCO E NEGROS CONVIVEM MUITO BEM E QUE A MELHOR PROVA DE QUE O BRASIL NÃO É UM PAÍS RACISTA ESTÁ NO FATO DE ELA SER O BRASILEIRO MAIS CONHECIDO NO MUNDO ETC., ETC." É AS IMAGENS DO CARACAL E DO BITEIRO QUE SILENCIOSAMENTE FAZEM REPRODIREM TAIS AFIRMAÇÕES.

TODAVIA, DE ESSE MODO ALGUÉM ATENDE PARA CERTOS DETALHES, VERIFICANDO QUE AS COISAS NÃO SÃO SEM ASSIM. CONSTATARÉ QUE, APESAR DOS DADOS ESTATÍSTICOS INDICAREM QUE OS NEGROS (OTIC) ALIEMTES PROTOS Y PAROUS) CONSTITUEM 44% DE UMA POPULAÇÃO DE 120 MILHÕES, A IMPRESSÃO QUE SE TEM É DE QUE TAL PORCENTAGEM DEVE SER MAIOR. MAS PARA ISSO TERÁ QUE VISITAR AS FAVELAS E OS BARRIOS PERIFÉRICOS DOS GRANDES CENTROS URBANOS, POSTO QUE É ALI ONDE ELAS VIVEM. SE FICAR RESTRITO NOS BARRIOS SUBURBES DO DE CLASSE MÉDIA, PODERÁ NÃO VER, EXCETO COMO TRABALHADORES NA MANEIRA NA LIMPEZA URBANA, NA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DOMÉSTICOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, NEGROS E NEGRAS NÃO SÃO VISTOS TRABALHANDO EM BARCOS, NOS RESTRIÇÕES, NAS COMPANHIAS AÉRIAS, NAS BOUTIQUES DE LUXO OU EM OUTRAS PROFISSÕES QUE EXIJAM CONTATO DIRETO COM O GRANDE PÚBLICO. SE NOSSO VISITANTE HIPOTÉTICO OBSERVAR MELHORES,

Os pensamentos negros de Lélia Gonzalez e Benedita da Silva, em Roma, Itália, 1983 | Acervo Lélia Gonzalez

A repercussão de seu protagonismo, no plano nacional, a tornara presença obrigatória nos espaços de debate e formulação de políticas voltadas para a promoção da igualdade de gênero também em nível internacional. Lélia, a essa altura, já era uma voz respeitada pela militância dos movimentos negro e feminista, ecoando pelos quatro cantos do mundo.

Em maio de 1979, Lélia iniciava as primeiras incursões fora do Brasil para denunciar o racismo brasileiro, a opressão da mulher negra de modo particular, bem como a sua concepção de feminismo decorrente do reconhecimento dessas problemáticas. Nesse período, ela começou uma intensa articulação com lideranças negras internacionais, dentre elas: Carlos Moore, Angela Davies, Dorothy Heigts, Aimé Césaire.

À esquerda: Denunciando, para além das fronteiras nacionais, a situação da mulher negra na sociedade brasileira. Dakar, Senegal, 1982 | Acervo Lélia Gonzalez
Reportagem sobre Lélia Gonzalez publicada em jornal estrangeiro | Acervo Lélia Gonzalez

Seu primeiro encontro com o cubano Carlos Moore foi no Senegal, África, através de amigos comuns. Nessa ocasião, Moore estava no exílio, desde o ano de 1963, na companhia de sua esposa Shawna e Kimathi, filho do casal. Quando conheceram Lélia, tornaram-se grandes parceiros e a acolheram em sua residência. Ambos tinham discussões calorosas sobre o marxismo, Lacan, mas, segundo Moore, a questão racial, para Lélia, era predominante.

A partir de então, Lélia marcou presença em diversos encontros, seminários, congressos, seja como convidada especial e/ou palestrante:

Racism and its effects in Brazilian society. Women's Conference on Human Rights and Mission, Veneza (Itália) e Genebra (Suíça), 1979. (Rascismo e seus efeitos na sociedade brasileira. Conferência de Mulheres sobre Direitos Humanos e Missão).

Vice-Presidente do I Seminário "Woman under Apartheid", promovido pela Ligue des Femmes du Quebec e pela ONU, Montreal/Canadá, 1980. (A Mulher sob o regime do Apartheid).

Relatora na Conferência Alternativa da Meia Década da Mulher, promovida pelas ONGs, Copenhagem, 1980.

Participação no Seminário Un autre developpement avec Les Femmes, promovido pela Association des Femmes Africaines pour La Recherche et le Développement, Dakar/Senegal, 1982. (Um outro modelo de desenvolvimento com as Mulheres).

Convidada Especial para o Symposium in Support of the Struggle of the Namibian People for Self-Determination and Independence, promovido pelo United Council for Namibia (ONU) , San José/Costa Rica, 1983.(Simpósio em Apoio à Luta do Povo da Namíbia por sua Autodeterminação e Independência).



Lélia Gonzalez e o amigo cubano Carlos Moore. Dakar, Senegal, 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Lélia Gonzalez e a amiga Shawna. Dakar, Senegal, 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. 'Cultura, etnicidade e trabalho'. Comunicação apresentada no 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association Pittsburgh, Estados Unidos, abril de 1979 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. 'Brazilian support to the Namibian Cause'. Comunicação apresentada no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America, San José, 1983 | *Acervo Lélia Gonzalez*





Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. Dakar, Senegal, 1986 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Ao lado: Lélia Gonzalez no Symposium in Support of the Namibian Cause in Latin America. San José, 1983

| *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez, com os amigos Ronaldo, Martinho da Vila e Sérgio, em sua temporada de pesquisa nos EUA, Washington, 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*



Em nível nacional, reconhecimentos oficiais reforçam a importância de Lélia na luta antirracista e antissexista. Não foi à toa que no dia 1 de fevereiro de 1982, coincidentemente data de seu aniversário, recebeu um diploma do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil por ser uma das “Dez Mulheres do Ano de 1981”, que muito trabalharam pela integração da mulher no processo de desenvolvimento sócio-político-econômico do país.

No ano seguinte, fundou em parceria com Pedrina de Deus, Jurema Batista, Elizabeth Viana, Ana Garcia, Rosália Lemos, dentre outras, o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, na Associação do Morro dos Cabritos, em Copacabana, RJ, onde permaneceu até 1985. A escolha do nome é uma homenagem à africana Nzinga, guerreira e estrategista na luta contra o colonizador.

Com uma bolsa concedida pela Fundação Ford – para execução do projeto “Mulher Negra: proposta de articulação entre raça, classe e sexo”, em co-autoria com Tereza Cristina Araújo Costa – viajou para os Estados Unidos, em 1984.

Na cidade de Baltimore, já no Seminário organizado pelo African-American Women’s Political Caucus, Lélia dialogou e se articulou com lideranças femininas do movimento negro norte-americano como Angela Davis, Annie Chambers, Queen Mother Moore e Miss Helena B. Moore.



Seminário 1985 & Beyond. Baltimore, Estados Unidos, com Angela Davies, 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Estas duas últimas, segundo ela, verdadeiros arquivos vivos da história do Movimento Negro Americano. Recebeu delas o maior estímulo em face do trabalho no Brasil. Em seu relatório⁵⁴ de pesquisa após a viagem, entregue à Fundação Ford, Lélia expressou todo o seu encantamento com essa viagem e com a popularidade de Angela Davis.

*[...] Constatei que a popularidade de Angela Davis entre aquelas mulheres de classe média afro-americana é enorme, apesar de sua conhecida militância comunista. Mas, ao ouvi-la falar, compreendi talvez, que essa questão se torna absolutamente secundária: a força e a competência de sua articulação segura, aliadas ao brilhantismo com que expõe suas idéias transfiguram-na de tal maneira que a platéia fica como que eletrizada, suspensa no fio de suas palavras. E todo aquele arrebatamento que observei e também vivenciei remete-nos a algo que nos é muito caro: a força da dignidade da mulher negra. E aquela mulher franzina, que se agiganta no momento em que fala, passava isso para todas nós; esse orgulho de nós mesmas, essa perseverança na resistência, essa autoconfiança em termos do nosso papel. Naquela manhã de 10 de agosto, sentiamo-nos felizes e fortes por sermos mulheres negras...*⁵⁵

Lélia Gonzalez

54 e 55 GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo. [S.L.: s.n.], 1984. Relatório. Acervo Lélia Gonzalez.



Lélia dominava o francês, inglês e espanhol. Com essa proficiência, dialogava com estudiosos e ativistas internacionais. Quando não tinha a oportunidade de interagir, pessoalmente, ela o fazia por correspondência. Assim foi com o historiador norte-americano Thomas Skidmore.

Não existiam fronteiras para ela. Nessas viagens pelo mundo a fora, tentou angariar recursos financeiros, junto a órgãos internacionais, para execução da agenda política do grupo Nzinga, recém criado por mulheres negras brasileiras. Ela conhecia de perto as dificuldades encontradas, por essas militantes, para colocar em prática seus projetos.

Em Nairobi, África, participou da III Conferência Mundial sobre a Mulher, evento de encerramento da Década da Mulher 1975-1985, o qual reuniu feministas do mundo todo. Em solo africano, Lélia aproveitou para visitar comunidades rurais locais. Para ela, conhecer profundamente as matrizes – religiosas, culturais, históricas – africanas era fundamental para o conhecimento de nossa cultura: “africanizada”. Além disso, ela incentivava a leitura de Aimé Césaire, Agostinho Neto, Amílcar Cabral e outros escritores africanos.

O mundo estava conhecendo Lélia Gonzalez. Se viva fosse, atualmente, ela seria considerada uma cidadã cosmopolita, ou seja, uma cidadã do mundo e conhecedora de diversas culturas e línguas. No entanto, seu foco de luta estava no Brasil: a mulher negra. Para além do compromisso pessoal, o empenho de Lélia era voltado para um coletivo do qual ela também fazia parte.

Na capital da Itália, ela foi convidada para integrar o Conselho Diretor da Society for International Development/SID, no qual atuou durante um ano. Nessa ocasião, aqui no Brasil, Lélia tornou-se professora do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio e Diretora do Planetário da Gávea.

Ao lado: Lélia Gonzalez com suas/seus alunas/os da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, 1980 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez. ‘Diploma Uma das Dez Mulheres do Ano de 1981’, concedido pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil – 01º de fevereiro de 1982 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez e Benedita da Silva. IIIª Conferência Mundial sobre a Mulher – Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | *Acervo Lélia Gonzalez*





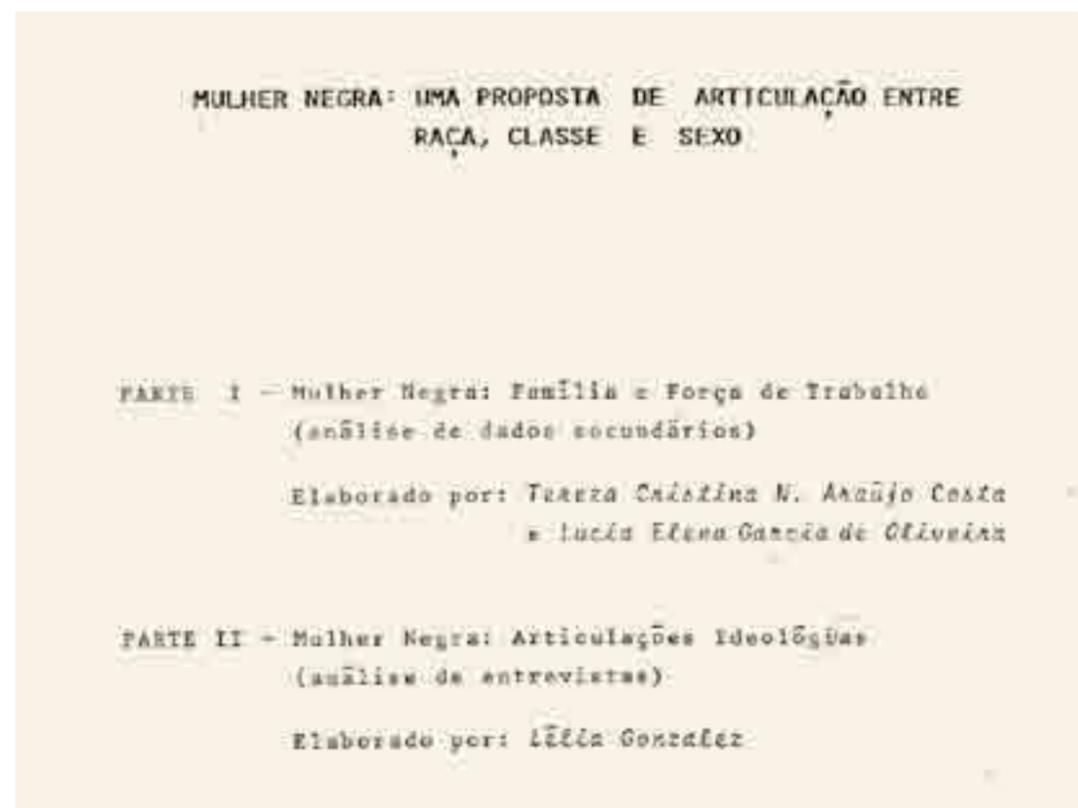
Lélia Gonzalez visitando uma comunidade rural. IIIª Conferência Mundial sobre a Mulher - Encerramento da Década da Mulher, Nairobi, Quênia, 1985 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Entre uma atividade e outra, Lélia arrumava as malas e viajava para onde a convidavam. Em 1987, ela participou do Festival Pan-Africano de Artes e Cultura/FESPAC, em Dakar, África. Abdias do Nascimento integrou o Comitê Dirigente Internacional do Festival. A ideologia pan-africanista estava em evidência, desde o início do século XX, na voz do americano W. Du Bois e tinha como propósito a criação de uma “unidade africana”.

Lélia sempre defendeu a descolonização dos países africanos e afirmava que o Brasil deveria romper relações diplomáticas com países que mantinham políticas racistas. Nessa ocasião, o sul africano Nelson Mandela – um ícone da luta contra o apartheid em seu país – estava preso e sua libertação era um assunto que fazia parte das agendas políticas dos movimentos negros, desde a década de 1970.

Em Miami, EUA, Lélia participou da Conferência da Negritude, onde conheceu um dos maiores expoentes do movimento, o martinicano Aimé Césaire. Na verdade, o movimento da negritude foi idealizado fora da África, provavelmente nos Estados Unidos. No entanto, em Paris, na década de 1930, um grupo de estudantes negros – Aimé Césaire (Martinica), criador da palavra negritude, Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal) – foi responsável pela divulgação do movimento com a publicação da revista *L'étudiant Noir* (O Estudante Negro).

No final da década de 1980, as viagens para o exterior começaram a diminuir, enquanto no cenário nacional Lélia estava em plena atuação no Conselho Deliberativo do Memorial Zumbi, no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e no Conselho Internacional do Memorial Gorée, África.



Lélia Gonzalez e Aimé Césaire, um dos maiores expoentes do movimento da negritude. Conference on negritude, ethnicity and afro-cultures in the Americas, Miami, EUA, 1987 | *Acervo Lélia Gonzalez*

Lélia Gonzalez, 'Mulher negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo'. Relatório de Pesquisa entregue à Fundação FORD, 1984 | *Acervo Lélia Gonzalez*



mandela



Nelson Mandela, líder sul africano
na luta contra o apartheid | Corbis

6

LÉLIA GONZALEZ TOMANDO PARTIDO...



O início da década de 1980 marcou uma nova inflexão na trajetória política de Lélia Gonzalez. É o momento de seu envolvimento com a política partidária. O contexto é de uma década marcada por grandes (re) ordenamentos políticos.

Com o fim do bipartidarismo, novas alianças políticas começaram a surgir. A Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido que sustentava o regime militar, foi rebatizada de PDS (Partido Democrático Social), depois PFL (Partido da Frente Liberal) e atualmente DEM (Democratas). O MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição ao regime, foi rebatizado de PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

Outras alianças políticas foram se consolidando e com isso a formação de novos partidos como o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em meio a essa efervescência política, social e cultural, os movimentos de resistência social ganharam força e visibilidade.



Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

Em 1981, Lélia já militava no Partido dos Trabalhadores, fazendo da luta contra o racismo sua plataforma política e assumindo sua identidade de mulher negra com posições ideológicas de esquerda. Acreditava que esse era o espaço onde a possibilidade de emancipação dos negros e a tão almejada igualdade encontraria um terreno fértil.

A decepção não tardou a chegar. Logo, vivenciou as dificuldades, e a resistência, que o partido tinha em colocar na pauta e na ação o enfrentamento à questão racial. Persistia tanto no pensamento da esquerda brasileira, como no da direita, a ideia de “democracia racial”, a qual encobria as assimetrias sociais e o racismo arraigado em nossa sociedade.

Lélia não se furtou à necessidade de influir nesse campo, por mais contraditória e inóspita que tal tarefa se mostrasse. Sobre esse envolvimento nos dá testemunho Luiza Bairros: *as cautelas de Lélia em relação à cooptação não fizeram dela uma militante avessa à participação em setores políticos fora do movimento negro. Pelo contrário, ela temia que sucumbíssemos às tentativas do sistema de nos “guetizar”⁵⁶.*

56 BAIROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. Afro-Ásia. Salvador, n 23, 2000. Seção Homenagens. Disponível em: <<http://www.afroasia.uiba.br/edicao.php?codEd=37>>. Acesso em: 12 jul. 2011.



Lélia Gonzalez. Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Reunião do PT, 1981 | Acervo Lélia Gonzalez

Assim, no Partido dos Trabalhadores (PT), ela militou entre 1981 e 1985, integrando o Diretório Nacional do partido por três anos. Foi candidata à deputada federal, em 1982, mas não conseguiu se eleger e ocupou a primeira suplência da bancada.

Sua campanha para deputada federal intitulada “Maiorias Silenciadas” – e não silenciosas – baseou-se na agenda dos movimentos negros e de mulheres. O ponto chave eram os sujeitos dos novos movimentos sociais surgidos no Brasil, por ocasião da redemocratização: as mulheres, os negros e os homossexuais. O ponto de união entre os três grupos era a questão da discriminação e do preconceito, forte bandeira de luta nos três movimentos, apesar das especificidades de cada um.

Para ela, a prática da discriminação não se restringia à população negra, mas também a outras “minorias”, como as mulheres, os índios, os homossexuais, que estavam buscando espaços de poder para pautar suas demandas. Essas questões não eram contempladas dentro do partido. Com isso, essas incompatibilidades ideológicas motivaram a saída de Lélia do PT⁵⁷.

57 BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. 2005. 128 f. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Lélia Gonzalez. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | Acervo JG/Foto Januário Garcia





Rose Marie Muraro e Lélia Gonzalez em campanha eleitoral para Deputada Federal, pelo PT. Rio de Janeiro, 1982 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*



Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*



Lélia Gonzalez com o sobrinho Rubens. Em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*

PT Saudações...

Em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, em 1983, ela criticou duramente o programa televisivo elaborado pelo PT, que foi apresentado em rede nacional. Entre os dez temas abordados pelo partido, não mencionaram a situação dos afro-descendentes. Lélia considerou esta atitude “racismo por omissão”, um dos aspectos da ideologia do branqueamento.

Por outro lado, Lélia chamou a atenção para o fato de que nem todos os seus companheiros de partido eram descomprometidos com o racismo, por isso mesmo, deveriam tratá-los com mais seriedade, levando em conta todas as suas implicações na sociedade: desigualdade, inferiorização, marginalização etc. Concluiu destacando que: *o ato falho com relação ao negro e que marcou a apresentação do PT pareceu-me de extrema gravidade não só porque alguns dos oradores que ali estiveram possuem nítida ascendência negra, mas porque se falou de um sonho; um sonho que se pretende igualitário, democrático etc., mas exclusivo e excludente. Um sonho ‘europeizantemente’ europeu. E isso é muito grave, companheiros. Afinal, a questão do racismo está intimamente ligada à suposta superioridade cultural. De quem? Ora... Criolêu, mulhero, indiada deste país: se cuida, moçada...*⁵⁸.

Em 10 de novembro de 1985, encaminha ao Presidente do Partido, Lula, carta na qual expõe os motivos para a solicitação de afastamento.

Caro companheiro. Pelo fato de discordar das práticas desenvolvidas pelo PT/RJ (expostas em carta dirigida ao companheiro Lula, datada de 07/11/85), sobretudo no que diz respeito ao estreitamento de espaços para uma política voltada as chamadas minorias, peço meu desligamento do PT, declarando ao mesmo tempo, que estou encaminhando minha filiação ao PDT, onde acredito poder melhor trabalhar em termos de implementação da política supracitada. Declaro, por outro lado, que não é sem dificuldades que tomo esta decisão. Afinal, foi graças ao PT (às suas propostas) que me decidi a entrar na vida político-partidária, acreditando na possibilidade de inovação dentro da mesma. Disso, não poderei me esquecer; embora sabendo que os caminhos são tortuosos e que a luta não pode deixar de continuar junto com e em favor dos explorados, oprimidos, discriminados. Com respeito de sempre, as saudações cordiais de quem sempre buscou estar nas lutas dos discriminados.

Lélia de A. Gonzalez

Em 1986, convidada por Abdias do Nascimento, Lélia se candidata a deputada estadual pelo PDT, elegendo-se primeira suplente. Sobre a filiação de Lélia ao partido liderado por Leonel Brizola, a pesquisadora Elisa Larkin relata que: (...) *o PDT foi o primeiro partido a assumir como prioridade programática a questão racial e, mais do que isso, por insistência também do Abdias e do grupo que o acompanhava evidentemente, mas ele era o grande porta voz (...). Eu acredito que quando Lélia sai do PT e vai para o PDT é por causa disso, porque ela está optando pelo partido que melhor definiu e agiu sobre a questão racial na sua ação política*⁵⁹.

59 Entrevista concedida por Elisa Larkin Nascimento à Rosana Chagas em 14 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.

Lélia Gonzalez. Carta Oficial de desligamento do PT, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

Rio de Janeiro, 10/11/1985.

Ao Presidente do Partido dos Trabalhadores/RJ

Caro companheiro

Pelo fato de discordar das práticas desenvolvidas pelo PT/RJ (expostas em carta dirigida ao companheiro Lula, datada de 7/11/85), sobretudo no que diz respeito ao estreitamento de espaços para uma política voltada para as chamadas minorias, peço meu desligamento do PT, declarando ao mesmo tempo, que estou encaminhando minha filiação ao PDT, onde acredito poder melhor trabalhar em termos de implementação da política supracitada.

Declaro, por outro lado, que não é sem dificuldades que tomo esta decisão. Afinal, foi graças ao PT (às suas propostas) que me decidi a entrar na vida político-partidária, acreditando na possibilidade de inovação dentro da mesma. Disso, não poderei me esquecer; embora sabendo que os caminhos são tortuosos e que a luta não pode deixar de continuar junto com e em favor dos explorados, oprimidos, discriminados.

Com o respeito de sempre, as saudações cordiais de quem sempre buscou estar nas lutas dos discriminados


LÉLIA de A. Gonzalez

58 GONZALEZ, Lélia. Racismo por omissão. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Opinião, 13 de agosto de 1983, p. 03.

Um bom Conselho...

Em 1985, Lélia é convidada a integrar o recém criado Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) órgão federal instituído com o objetivo de promover, em âmbito nacional, políticas que visem eliminar a discriminação da mulher, assegurando-lhe condições de liberdade e igualdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas e econômicas e culturais do País, conforme decreto de criação.

Com Ruth Escobar na presidência, Lélia era uma das conselheiras ao lado de Carmen Barroso, Tisuka Yamasaki, Maria Betania Ávila, Maria Conceição Tavares, Rose Marie Muraro, Maria Elvira Salles Ferreira, Sonia Germano, Marina Colassanti, Margarida Genevouis, Jacqueline Pitanguy, Benedita da Silva, Ruth Cardoso, entre outras. Lélia permanece no CNDM até 1989.

Em novembro de 1988, por ocasião do centenário da Lei Áurea, a Conselheira Lélia é uma das expoentes do Tribunal Winnie Mandela, promovido pelo Programa da Mulher Negras do CNDM, em parceria com a OAB-SP. O Tribunal reuniu diversas organizações da sociedade civil numa espécie de júri simulado, para discutir o racismo no Brasil.

Em dezembro do mesmo ano, participa do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN), em Valença, no Rio de Janeiro. O evento mobilizou cerca de 440 participantes de 19 estados brasileiros. O discurso de abertura destaca que: *No processo de revisão do lugar da mulher negra na sociedade brasileira desencadeada pelos movimentos de mulheres há uma década, a questão da mulher negra passa assim a constituir agentes fundamentais da reconstrução deste país; a partir desta expectativa surge o nosso I Encontro Nacional de Mulheres Negras do país*⁵⁹.

Esse foi um momento oportuno para o fortalecimento das organizações das mulheres negras, para o surgimento de novas lideranças e redimensionamento da agenda política.

59 I Encontro Nacional de Mulheres Negras. Valença, RJ: Enúgarbario Comunicações, 1988. Parte 1. Disponível em: <http://www.cultne.com.br/video.php?id_video=417>. Acesso em 14 out. 2011.

Ao lado: Informe Mulher. Informativo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM - Tribunal Winnie Mandela, 1988 | Acervo Lélia Gonzalez



Racismo por omissão

LÉLIA GONZALEZ

O Programa do Partido dos Trabalhadores, ao qual pertencço, levado ao ar em cadeia nacional de televisão, no dia 5/8 passado, decepcionou pelo menos 44% da população brasileira: os negros (pretos e pardos ou mestiços). Com o devido desconto dos "jabuticabas" e o acréscimo dos brancos que efetivamente estão aí, na luta conosco. A abertura leve e simpática, com Irene Ravache falando da "história de um sonho", aumentou a expectativa de quem já vinha aguardando com certa ansiedade a tão rara oportunidade em que aqueles que "não têm vez nem voz" pudessem expressar-se. Mas o que foi que se viu?

Uma pesada sucessão de oradores que, com maior ou menor habilidade, discorreram sobre os dez temas selecionados. Apesar dos esforços, faltou jogo de cintura, inclusive por parte daqueles que tentaram falar numa linguagem popular. A impressão que se tinha era a de que, com perdão da má palavra, havia "gringo no samba". E o samba atravessou, e a escola desfilou mal, devagar quase parando. De acordo com o enredo, "Da economia à mulher", a escola desfilou com dez alas, o que foi uma pena. Duas alas ficaram excluídas, embora pudessem ter sido enxertadas nas outras. A dos Favelados (32 milhões, mais ou menos) poderia ter sido enxertada na da Habitação, por exemplo. A dos Crioulos, em várias outras: Desemprego, Saúde e Educação, Mulher, Habitação (de novo), Reforma Agrária, Democracia, etc. Embora as alas excluídas só saibam cantar coi-

sas do tipo "belezas mil do meu Brasil", continuo achando que podiam ter participado do desfile sem prejudicar a escola. Pelo contrário. Teriam dado o molho, o sal, o tempero ao desfile, demonstrando a força, o pique, a ginga e o caráter inovador da nossa escola. Sem elas, apesar da beleza do abre-alas, nossa escola não ficou melhor, nem pior, nem diferente das velhas escolas de sempre...

Crioulices à parte, considero importante reproduzir aqui uma afirmação de Carlos Hasenbalg, num pequeno livro que escrevemos em co-autoria: "No registro que o Brasil tem de si mesmo o negro tende à condição de invisibilidade." Para não fugir à regra, o PT na TV não deixou por menos: tratou dos mais graves problemas do País, exceto um, que foi "esquecido", "tirado de cena", "invisibilizado", recalcado. É a isto, justamente, que se chama de racismo por omissão. E este nada mais é do que um dos aspectos da ideologia do branqueamento que, colonizadamente, nos quer fazer crer que somos um país racialmente branco e culturalmente ocidental, europocêntrico. Ao lado da noção de "democracia racial", ela aí está, não só definindo a identidade do negro, como determinando o seu lugar na hierarquia social; não só "fazendo a cabeça" das elites ditas pensantes, quanto das lideranças políticas que se querem populares, revolucionárias.

Isto não quer dizer que dentro do Partido dos Trabalhadores não existam companheiros empenhados na luta contra o racismo e suas práticas, entendendo o quanto ele implica em desigualdades, em inferiorização de amplos setores das classes trabalha-

doras. As denúncias de um Eduardo Suplicy, a eleição de uma Benedita da Silva, de uma Lúcia Arruda, de um Lizt Vieira não se fizeram a partir do nada. "É muito comum reduzir-se o racismo a uma questão meramente de classe, o que não é verdade, embora haja pontos de contato", dizia um companheiro africano, por ocasião do 3.º Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos (Rio de Janeiro, 1 a 5/8 de 1983), do qual participávamos. E acrescentava: "Se o racismo decorre de uma situação de exploração econômica, ele acaba por assumir uma autonomia própria" (Manuel Faustino). E, nesse sentido, passo adiante uma sugestão de leitura que nos foi feita no decorrer do congresso. Trata-se de uma dissertação de mestrado, de Suely Alves de Souza (Unicamp), cujo título é bastante sugestivo: "Entre nós os pobres, eles os pretos".

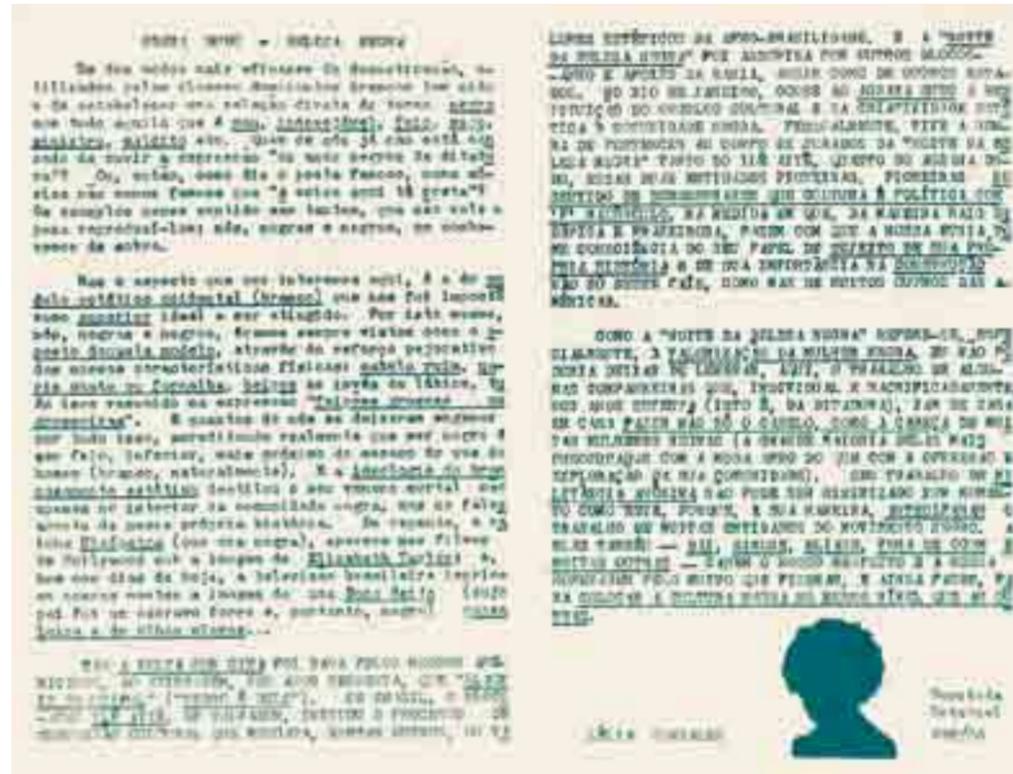
Para concluir, direi que o ato falho com relação ao negro e que marcou a apresentação do PT pareceu-me de extrema gravidade não só porque alguns dos oradores que ali estiveram possuem nítida ascendência negra, mas porque se falou de um sonho; um sonho que se pretende igualitário, democrático etc., mas exclusivo e excludente. Um sonho europeizantemente europeu. E isso é muito grave, companheiros. Afinal, a questão do racismo está intimamente ligada à suposta superioridade cultural. De quem? Ora... Criolêu, mulhero e indiada deste País: se cuida, moçada!

LÉLIA GONZALEZ é socióloga, professora de Antropologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e autora de "Lugar de Negro".

Lélia Gonzalez. Artigo "Racismo por Omissão". Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 13 de agosto de 1983 | Folhapress



Lélia Gonzalez. Folder da campanha de Lélia para Deputada Estadual pelo PDT, 1986 | Acervo JG/Foto: Janúdio Garcia



Lélia Gonzalez. Folder da campanha de Lélia para Deputada Estadual pelo PDT, Odara Dudu: beleza negra, Rio de Janeiro, 1987 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. Em seu escritório no Planetário da Gávea, Rio de Janeiro, 1987-1989 | Acervo Lélia Gonzalez





Lélia Gonzalez entre amigos. Festa de sua Posse como Diretora do Planetário da Gávea, Rio de Janeiro, agosto 1987 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez. Livro Festas Populares do Brasil. Texto de Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1987 | Acervo REDEH

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER DIGA NÃO
À VIOLÊNCIA - B S B, 25 DE NOVEMBRO DE 85

Em sua plataforma eleitoral, mais uma vez, assumiu o compromisso político com a mulher negra e com a descolonização da cultura. Em seu folder de campanha elaborou um texto denominado Odara Dudu = Beleza Negra, no qual enalteceu o Bloco Afro-Ilê Aiyê, Salvador, e o Agbara Dudu, Rio de Janeiro.

Para além da festividade, essas entidades desenvolviam atividades didático-educativas e concursos de estética, como forma de valorizar, resgatar e afirmar uma identidade negra. Segundo Lélia, essas atividades faziam com que a nossa etnia tomasse consciência do seu papel de sujeito de sua própria história e de sua importância na construção não só deste país, como nas de muitos outros das Américas⁶⁰.

Portanto, a opção de Lélia pela política partidária e participação nos processos eleitorais ligava-se às suas preocupações em tornar público o debate em torno da questão racial no Brasil, e fazer avançar a agenda de promoção da igualdade racial. Estava convencida de que seria no campo político da esquerda que a militância negra encontraria as melhores condições para pautar as suas reivindicações.

Após uma exaustiva campanha eleitoral, e nem tão exitosa, Lélia foi empossada Diretora do Planetário da Gávea e assume o posto no dia 27 de agosto. Nesse mesmo ano, em tributo à cultura popular brasileira publicou o livro Festas Populares no Brasil. Com essa obra, composta por imagens de conhecidos fotógrafos do folclore brasileiro, recebeu um prêmio na categoria “Os mais belos livros do mundo” na Feira de Leipzig na Alemanha, em 12 de março de 1989.

A iconografia da obra, que trata das principais festas populares brasileiras, é comentada por Lélia Gonzalez, que neste período dava aulas de Folclore Brasileiro no Departamento de Artes da PUC-Rio.

60 Folder da Campanha de Lélia no PDT localizado no Acervo Lélia Gonzalez durante a pesquisa de campo realizada no mês de agosto de 2011, no terreiro Ilê Oxum Apará, Itaguaí.



Lélia Gonzalez. Seminário Diga Não à Violência Contra a Mulher. Campanha do CNDM, 1985 | Acervo Lélia Gonzalez



Cartaz produzido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher por ocasião dos cem anos da assinatura da Lei Áurea, 1988 | Acervo REDEH

7 ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA: CEM OU SEM ANOS?

A promulgação da Carta Constitucional de 1988 apresentou alguns avanços no que dizia respeito à questão racial brasileira. A prática do racismo, a partir de então, “constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”. Pela primeira vez na história da legislação brasileira, o racismo se tornou crime. No entanto, cabe lembrar que, em 1951, uma lei chamada de Lei Afonso Arinos 1390/51 (revogada em 1985 pela Lei 7437) já proibia a discriminação racial no Brasil, mas a prática do racismo em si não era criminalizada.

Nesse mesmo ano, o Brasil comemorou o centenário da abolição. De um lado, as comemorações oficiais festejavam o fim da escravidão e a “democracia racial” brasileira. De outro, lideranças e ativistas do movimento negro, do qual Lélia fazia parte, denunciavam a discriminação, o racismo e a farsa da cordialidade entre as raças/etnias na sociedade brasileira. Para essas lideranças, não havia razões para que se comemorasse a Abolição, como se desigualdades e racismo não existissem. A ocasião, diziam, deveria ser transformada em Dia de Denúncia contra o Racismo.

Com isso, dentre tantas iniciativas nacionais, organizaram uma marcha “Contra a farsa da Abolição”, no Centro do Rio de Janeiro. Essa mobilização causou certo desconforto e a Central do Brasil, palco de manifestações no Rio de Janeiro, no dia 11 de maio de 1988, amanheceu cercada de policiais para impedir que a caminhada prosperasse. Apesar dessa intimidação, a Marcha aconteceu.

No dia 20 de novembro de 1988, outra marcha foi organizada em homenagem ao dia da morte de Zumbi, liderança quilombola de Palmares. Nessa manifestação, Lélia Gonzalez esteve presente e enalteceu a memória de Zumbi, ao lado de grandes expoentes do movimento, como Abdias do Nascimento, Benedita da Silva e outros. (...) *Zumbi, herói nacional que foi liquidado pela traição das forças colonialistas, o grande líder do primeiro Estado livre de todas as Américas, coisa que não se ensina às nossas crianças nas escolas, as nossas crianças não sabem e quando eu falo de nossas crianças tô falando de crianças negras, brancas, amarelas, não sabem que o primeiro Estado livre de todo continente americano surgiu no Brasil e foi criado pelos negros, pelos negros que resistiram, resistiram à escravidão e se dirigiram para o sul da capitania de Pernambuco, atual Estado de Alagoas, a fim de criar uma sociedade livre, igualitária, uma sociedade alternativa, onde negros, índios, brancos pobres viviam no maior respeito, proprietários da terra e senhores do produto do seu trabalho. Palmares é um exemplo livre, típico de uma nacionalidade brasileira que ainda está por se constituir, nacionalidade esta, onde negros, brancos lutam nesse momento, lutando para que esse país se transforme efetivamente numa democracia*⁶¹.

No ano seguinte, 1989, Lélia viajou para Dakar, Senegal, a fim de participar da Assembléia Constituinte da Fondation Mondiale pour Mémorial et La Sauvergarde de Gorée, tornando-se Membro do Conselho Internacional do Memorial de Gorée, organização dedicada ao projeto de construção de um memorial aos africanos escravizados na ilha senegalesa que, no passado, havia servido como entreposto do comércio escravista.

61 Discurso de Lélia no evento “AMarcha Negra”, realizado no Rio de Janeiro, em 1988. Disponível em: http://cultne.com.br/video.php?id_video=1.



Ao lado: Cartaz de divulgação do 1º Encontro nacional de Mulheres Negras – ENMN – Valença, Rio de Janeiro, 1988

| Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra

Acima: Cartaz de divulgação do Tribunal Winnie Mandela – promovido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (DF), Comissão de Mulheres Negras do CECF (SP) e a Comissão da Mulher Advogada da OAB (SP), 1988

| Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra



Lélia Gonzalez e outras conselheiras do CNDM em reunião com lideranças nacionais do Movimento Negro Unificado, Brasília, 1987

| Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/Guilherme Romão



Lélia Gonzalez e outras conselheiras na Iª reunião do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM - no Palácio da Justiça, Brasília, 1985

| Arquivo Nacional de Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/J. Lacerda



Identificar as pessoas

Lélia Gonzalez, Benedita da Silva e outras. Posse de Ruth Escobar - primeira presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, Brasília, 1985 | Arquivo Nacional de

Brasília. Empresa Brasileira de Notícias/Getúlio Gurgel



Manifestação do Movimento Negro 'Contra a Farsa da Abolição', na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988
| Acervo JG/Foto Januário Garcia

Cartaz de divulgação do evento 'As mulheres na luta contra a escravidão' - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, 1988
| Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra



Manifestação do Movimento Negro 'Contra a Farsa da Abolição', na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988

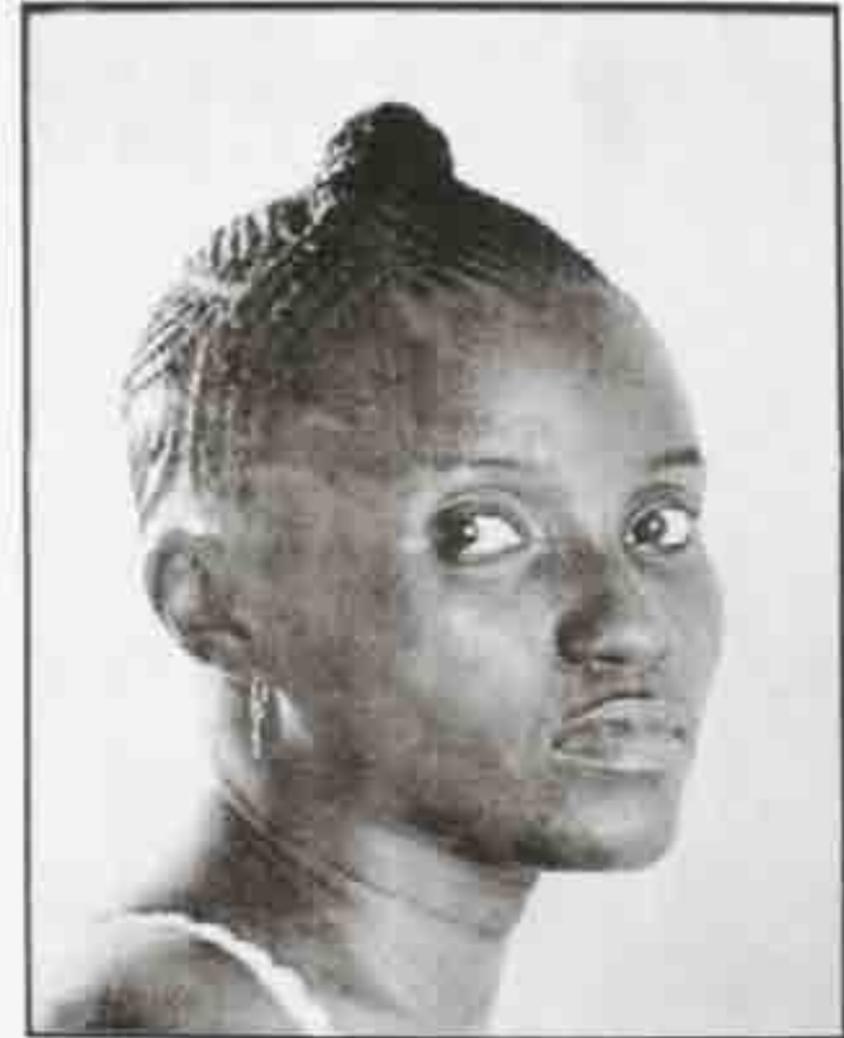
| Acervo JG/Foto Januário Garcia

Forças Militares "fiscalizando" a manifestação do movimento negro 'Contra a Farsa da Abolição' na ocasião do centenário da Lei Áurea, Central do Brasil, Rio de Janeiro, 1988 | Acervo JG/Foto Januário Garcia

SEMINARIO

"MULHER NEGRA 100 ANOS DEPOIS"

22 a 24/07/88



PROMOÇÃO: União de Mulheres do
Nordeste de Amaralina
Salvador - Ba

Cartaz de divulgação do evento 'Mulher Negra 100 anos depois' - promovido pela União de Mulheres do Nordeste de Amaralina, Salvador, Bahia, 1988 | Acervo Geledés - Instituto da Mulher Negra



Lélia Gonzalez, Rio de Janeiro, 1969 | Acervo Lélia Gonzalez

Na linguagem dos africanos de Milho Verde, Estado de Minas Gerais, cangiraué é um passarinho (Paulo Corrêa e Schuma Schumaker, 2008).

No candomblé, religião de matriz africana, orum significa o mundo dos espíritos habitado por orixás.

pag. 103 a 105: Lélia Gonzalez. Entrevista ao Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado - MNU - maio/junho/julho, 1991

| Acervo Lélia Gonzalez

8

DÉCADA DE 1990 — COMO CANGIRAUÉ, LÉLIA FOI PARA O ORUM

A década de 1990, a última do século XX, trouxe a expectativa e a euforia com a proximidade do ano 2000. Nesse contexto de consolidação da democracia, cresce o número de organizações não governamentais que estrategicamente redimensionavam suas agendas, incluindo em suas prioridades a luta por políticas públicas. Entre elas, estavam as organizações de mulheres negras que começam a pipocar Brasil a fora.

Para Lélia, essa foi uma fase de grande reflexão e autocrítica para uma mulher que “mergulhou de cabeça” na militância e não priorizou seus projetos pessoais. O ativismo e a entrega sem reservas às demandas que isso implicava acabavam deixando para segundo plano as possibilidades de organizar seu pensamento, o seu legado. Talvez, não sabemos ao certo, acreditasse que haveria um tempo em que pudesse se recolher e deixar para as gerações de militantes que inspirou, ou formou, suas contribuições para as questões de gênero e raça no Brasil. O tempo, contudo, não lhe foi tão generoso. Segundo ela: [...] *Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços para poder seguir a minha existência enquanto pessoinha que sou. E a gente sai muito ferido e machucado dessa história toda.*

MNU
JORNAL

JORNAL NACIONAL DO MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

No. 18 - maio/junho/julho de 1991 - C\$4 300,00

A magia do Reggae: da Jamaica ao Maranhão

Entrevistas com Lélia Gonzalez e Bryan Stevenson

Bob Marley: o mito como metáfora

A cor da Pena de Morte

Reaja à violência racial:
“beije sua preta em praça pública”
(ORU)

LÉLIA GONZALEZ

Jornal do MNU — Lélia, em que o Movimento Negro tem contribuído para a cidadania do negro brasileiro? Gostaríamos que você fizesse um balanço do movimento, dos anos setenta até aqui.

Lélia Gonzalez — Eu acho que a contribuição foi muito positiva, no sentido de que nós conseguimos sensibilizar a sociedade como um todo, levamos a questão negra para o conjunto da sociedade brasileira, especialmente na área do poder político e nas áreas relativas à questão cultural. E aí a nossa contribuição é muito mais ampla, ligamos a questão do negro à questão da identidade da comunidade negra, embora tenhamos também atuado na comunidade branca, embora tenhamos também atuado na comunidade negra. Esteve pensando em termos da Bahia, fundamentalmente porque eu acho que a Bahia é um grande fulcro nesse sentido de emergência da identidade a partir do cultural. A Bahia, como dizia o Gil, deu a régua e o compasso. E estou pensando, especificamente, nos alafés e blocos afro pelo papel que eles têm tido de levar essa conscientização para dentro da comunidade negra, embora tenham também atuado para fora. Eu vejo como meus alunos brancos estão atentos para a questão da Bahia, dos blocos afro, do reggae. Eles vêm aqui aprender algumas coisas em termos da comunidade mesmo, acho que é necessário aprofundarmos muito. Aqui em Salvador a gente percebe como isso está tranqüilo. Uma tranqüilidade que a gente sente até mesmo na postura física do negro na Bahia. Uma coisa muito interessante de a gente observar e tem a ver com um mínimo de consciência de suas raízes, de seus valores culturais. Tanto que o pessoal diz que os negros da Bahia são bonitos. Quando as pessoas falam isso, não percebem que elas estão se estigmatizando e por uma postura de alguém que sabe que ele é ele mesmo e não um outro, aquele outro deturpado pelo poder branco. E isso, efetivamente, os blocos afro tiveram uma contribuição assim extraordinariamente fundamental, a ponto de sensibilizarem grandes setores da mídia popular, que não podem deixar de falar sobre blocos afro, inclusive, a articulação do Oduum com Paul Simon, muito interessante também porque levava negs adiante, como aconteceu com o reggae de Bob Marley. Me recordo uma vez que eu estava numa biblioteca do Senegal, uma bresquinha numa ilha periférica, e havia lá uma casinha cheia de discos. O cara vendia tudo ali na loja, gajo, sapato, não sei que mais... e Bob Marley. E você fica pensando só onde ele chegou e morreu. Nesse lado cultural aí acho que tem sempre forças vitoriosas, a variedade e essa. Agora, no que diz respeito às questões político-ideológicas, a coisa é séria, a meu ver. O que a gente percebe é que o MNU lutou com a comunidade negra no sentido de ele fazer também aqui e a dele, podendo até nem concordar com o MNU. Hoje a gente verifica que pintos uma certa autonomia no que diz respeito a algumas entidades aí pelo Brasil, que articulam áreas de ação que não são, especificamente, aquelas que foram numa política abstrata, jurídica, essas áreas de ação no sentido concreto, dentro da comunidade, dentro das propostas e das exigências desta comunidade. Para dar um exemplo interessante, me lembro do momento da Constituinte, em Brasília, quando eu estava escrevendo mulher negra dentro do movimento de mulheres, no Conselho Nacional. Havia uma passagem de informações, porque o Movimento Negro estava reunido lá para fazer suas propostas aos constituintes. E eu me recordo que, de repente, chegou uma mulher dizendo assim: "Olha, o Movimento Negro está reunido levantando uma questão incrível, a questão do erro inafiançável com relação à discriminação racial, a gente tem que trazer isso também para nós". Esse tipo de troca, de sensibilização, que para mim era uma coisa abstrata que eu li nas hipóteses, por exemplo, do Movimento de Mulheres, do Movimento Negro e do Movimento de Homossexuais nos EUA. E eu verificava uma anterioridade do Movimento Negro na colocação de uma série de questões para o Movimento Feminista que, por sua vez, passou para o Movimento Homossexual e, de repente, você constata isso a partir de sua experiência concreta. Eu acho que isso significa um avanço do Movimento Negro, uma contribuição extremamente positiva. Quer dizer, você deixamos de ser invasivos, a verdade é essa. Não dá mais para se ficar estigmatizando a questão das relações raciais no Brasil, pois não estamos aí, de uma forma ou de outra.

Jornal do MNU — Nós estamos a dez anos do século XXI, com uma população negra em sua maioria analfa-

beta ou semi-analfabeta, sem preparo profissional nenhum. Quais seriam as tarefas mais importantes do Movimento Negro para a próxima década, já de olho no século da automatização?

Lélia Gonzalez — Na África, num desses Congressos em que estive, essa questão pintou, levantada por um companheiro do Movimento Negro dos EUA. A grande questão levantada foi esta: "Nós estamos aqui falando do passado, de glórias ou de derrotas, mas como é que estamos nos colocando em termos de perspectiva, em termos de futuro? O ano 2000 está aí, o mundo se automatiza cada vez mais — e nós?". Exatamente a mesma questão que você está fazendo agora. Essa preocupação está no ar e quem está pensando a questão do negro está pensando nela também. Então me parece que a questão passa por aí, não temos que estabelecer tarefas dentro de um campo concreto e rapidamente desenvolver uma militância muito viva junto às próprias comunidades negras espalhadas pelo Brasil. Porque não estamos mais naquele tempo claro, quando foi necessário, tudo bem de se fazer fazendo manifestaçãozinha de rua, não. Temos que nos voltar para dentro do quilombo e nos organizamos melhor no sentido de dar um instrumental para essas que vão chegar e vão controlar o nosso trabalho. Vejo que isso é muito sério, em termos da nossa consciência, essa ausência de instrumental que lhe possibilita se colocar em pé de igualdade com as populações não-negras, que têm um acesso extraordinário à informação. Você percebe isso nas pequenas coisas, como esses vídeos que da vida. As coisas criadas sem saber o que é isso, porque elas estão nas ruas, sem escola, vendendo balas. Me parece que a falta passa por aí, por essa visão prospectiva, pelo estabelecimento de campos nesse sentido aí. Hoje a militância se diversifica, e ela é obrigada a se diversificar em face dos terríveis problemas que nós temos pela frente. O pessoal de área de informática da cursos para o pessoal que não conhece, sabia e tiver, mostra como é que é. Assim, você instrumentaliza, por exemplo, o pessoal que vai trabalhar na área de educação. Lembro-me de um papa com Darcy Ribeiro, ele dizia justamente essa coisa. "Eu estava defendendo a avaliação, a cultura oral. E ele dizia que achava válido o que eu estava dizendo, mas que não era suficiente. Porque se não souber ler, não dá. E arrancado da chamada civilização, não tem espaço e vai ser aquele tipo de massa anômala que a gente vê nos rotaciones de ficção científica, não é verdade? Acho que o Movimento Negro tem que pensar seriamente nessa questão. E vejo que é uma de nossas grandes bandeiras, sempre levantamos a questão da educação. Agora acho que nós não a implementamos devidamente, a gente falava muito mas não desenvolvemos trabalhos concretos nesse sentido. É isso que tem que ser feito urgentemente, se tem.

Jornal do MNU — A tarefa é muito grande, árdua e o sistema não está interessado. Como é que o Movimento Negro se articula, e com quem, para que esta tarefa mínima que é alfabetizar o povo se concretize. O fato de termos hoje governadores negros teria alguma influência, ainda que não tivessem sido eleito por voto negro explícito?

Lélia Gonzalez — A questão dos governadores negros é muito importante. Eles têm um mínimo de poder para desenvolver esse tipo de tarefa, não há dúvida. Já acho que o Movimento Negro tem que estar junto desses caras, tem que pressionar. Eles não podem realmente ficar lá dizendo: "Olha, sou o primeiro governador negro eleito". É importante que eles percebam a tarefa, a exigência ética que eles têm com relação à sua comunidade. E se é uma exigência ética, não tem ser política também, porque as duas coisas se articulam.

Jornal do MNU — Existem hoje no país algumas reuniões de entidades negras. Pulverizamos ideias por esse Brasil afora, mas não conseguimos consolidar um programa mínimo não só para o próprio movimento, como para ser assumido por outros setores da sociedade. Como você avalia isso?

Lélia Gonzalez — Nós falamos exatamente esse instrumento de trabalho, uma reflexão crítica muito profunda se tratando dessa articulação aí. Eu acho que nos falta, no falar isso através de uma vivência e experiência pessoal, um sentido de solidariedade enquanto movimento. A gente verifica, e isso é uma questão de maior importância, que determinados quadros que poderiam

estar à frente pela sua experiência, pelo que aprenderam durante anos de luta, poderiam estar todos juntos, pensando e implementando. A gente percebe que existem algumas experiências feitas, para dentro do movimento, e que o Movimento Negro ainda não tomou consciência delas. Eu acho isso. Essas coisas da solidariedade e fundamental, falo de uma perspectiva ética, evidentemente, mas estou apontando para o político. E essa solidariedade que vai permitir que você não se envolva com as lutas de cooptação que vêm de fora. Então a gente percebe que isso leva a essa falta de perspectiva de implementação de uma prática política e de um trabalho efetivo, concreto, visando esse futuro aí. A gente tem que determinar os quadros, que não possam sentir que têm uma competência, uma capacidade, se deixam levar pelas propostas de cooptação que vêm da parte do sistema. Então você se vê numa espécie de loop sem saída, porque, do repente, você está levando uma perna para a frente e eu não te apoio, porque eu estou compreendida com a minha cooptação. Então eu me fecho para minha comunidade, para meus companheiros do Movimento Negro, porque eu sinto muito comprometida com a minha proposta de cooptação, e muitas vezes achando que estou atuando enquanto militante. O que eu vejo é que os setores continuam, se que se sofisticam muito mais e nós temos que estar juntos para isso. Em termos do Movimento Negro no Brasil, a nossa proposta não é a mesma do Movimento Negro dos Estados Unidos. Não é porque, um primeiro lugar, se nós somos maioria efetivamente, nós temos que lutar pelos nossos direitos, nós não temos que ficar no quilo, temos que partir para ocupar espaços na sociedade como um todo, não há dúvida. Nós temos as propostas mais democráticas. E de gente que tem que partir essas propostas de democracia, efetivamente. O sistema funciona justamente no sentido de alisar a maioria, basta você ver, por exemplo, o quadro da classe política e a mesma coisa desde que o Brasil é Brasil. É o cara, daí, o poder não praticamente nos mesmos níveis e são ficções de fora, mas que somos a povo — o movimento negro cultural está cansado de mostrar que não somos o povo, se previu isso tranqüilamente pra todo mundo, só não vê quem é quem os seus quer permanecer aqui. O movimento negro na sua vertente política tem que sentir isso com muito seriedade. Eu primeiro lutar, portanto, a proposta de grupo não tem nada a ver com a gente, embora seja a tentativa de nos quietar. O sistema tenta que a gente, evidentemente, mas nós não podemos aceitar isso, porque ele próprio se coloca pra todo mundo como uma coisa aberta, que não existe essa discriminação racial, que todos são iguais perante a lei. Mas vamos lá que provar isso mesmo, nós vamos brigar para provar que somos todos iguais perante a lei, mesmo. A questão da democracia tem muito mais a ver conosco, que somos excluídos, do que com os caras que estão no poder, que não estão a fim, evidentemente. E aí entra a questão dos governadores negros, que terão que provar a que vieram, com relação à sua própria comunidade. Eu vejo os setores do sistema como uma questão muito complicada, porque eles são muito sofisticados. Eles estão à frente de instituições poderosas e você tem que estar muito atento para ver até que ponto você está no jogo. Mas você percebe que muitos companheiros ganham o jogo, se aliam aos feiões (como aconteceu na nossa história, para que não se pense que os feiões saíram sozinho). Eles tinham seus complices também, e contribuíram para essa dispersão, essa falta de perspectiva, para a falta dessa que você falou, um programa mínimo de ação. Eu me lembro de Zé Mota, por exemplo. Ela foi uma tentativa em sua área de criar aquele catálogo de atores negros. E o que aconteceu? Qual foi o suporte, o apoio que o Movimento Negro deu para Zé Mota? Nenhum. O que a gente viu foi crítica, crítica, crítica. E ele não quer mais saber disso, que viver no meio da comunidade artística, etc. E o trabalho dela acaba se transformando em um trabalho isolado, e sozinho você não tem forças. E esse isolamento em face das estratégias de cooptação do sistema, essa falta de resposta aos companheiros que estão numa linha de frente, na boca do sistema, quando os setores da vida chegam e o atingem. Porque no momento em que querir nos atingir, não está atuando a uma pessoa que é a Lélia, está atingindo a mulher negra, é o movimento negro que está sendo



atingido. E você acredita que enquanto permanecermos num plano extraordinário, de complicação com o sentido da interação, com esse tipo de discriminação, porque é uma discriminação que se veste de alafés do negro. E a coisa é perigosa por isso. O feitor de hoje é a grande mídia que chega e bate nas suas costas, etc. E de repente, você está vivendo as costas de pessoa comunidade, se ficando um grande aliado que faz a diferença. E aparentemente faz, mas faz para dentro do sistema e o sistema diz: esse cara é legal.

Jornal do MNU — Você apontaria aí os conselhos criados em vários Estados?

Lélia Gonzalez — Olha, com relação aos Conselhos, não tanto. E uma arma de dois gumes. Minha experiência é com o Conselho dos Direitos da Mulher, onde eu tenho para mim hoje sem saída, porque o Conselho engolia a gente. Mil propostas, todo mundo querendo trabalhar, fazer e promover, o melhor entusiasmo. E, no entanto, havia uma parada de um ministro da Justiça disse que acabou tudo. E isso que nós não podemos perder de vista. É claro que se não temos que ter as frentes de trabalho e eu vejo o Conselho como uma linha de trabalho. Como tal, ela é provisória, absolutamente provisória e você não pode esperar grandes resultados dela. Frente de trabalho é isso: enquanto está sem fome desmontando? Vamos criar uma fronteira, botar esse pessoal. São coisas que o sistema cria para botar a culpa na boca de gente, porque não está abrindo no fundamental. E eu fico preocupada e com a disputa que se trava para participar dessas frentes. Ai acabou mata a mãe do outro e, de repente, acabou-se a visão de comunidade, entra a visão individualista (poca da cultura ocidental). Neguinho cai nas armadilhas do individualismo, briga com o outro, sacaneia, estrega o nome na praça para conseguir um carnêzinho visto onde ele não tem a possibilidade de fazer grandes coisas.

Jornal do MNU — Fale um pouco sobre sua trajetória no movimento feminista.

Lélia Gonzalez — No meio do movimento das mulheres brancas, eu sou a criadora de capo, porque elas não conseguiram me apoiar. No interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras: um estereótipo. As mulheres negras são escravas, são criadoras de capo, não dá para a gente trabalhar com elas, etc. E eu me esqueci legal nesse momento aí, porque para elas a mulher negra tinha que ser. Antes de tudo, uma feminista de quatro décadas, articuladora com as mulheres, não é possível co-

locando. Agora, na própria fala, na postura, no geral, você verifica que a questão racial etc... Isso a gente já discutiu muito e a experiência mais positiva que eu tive foi num momento na iniciativa promovida pelo MUDAR (Mulheres por um Desenvolvimento Alternativo), uma sociedade internacional que foi criada um pouco antes do esvaziamento da década da mulher em 1985. Foi aí, pela primeira vez, que eu encontrei um tipo de voz, uma mensagem que parte do movimento, no sentido do país e refletir sobre as questões que a gente coloca enquanto mulher negra, e dimensão racial que está presente em tudo e você não pode ficar fora dela que existe. Mas não há dúvida de que existe um certo movimento de mulheres que está preocupado com a questão racial. O feminismo, como uma feminista invento colocando, não tem nenhuma sua proposta de mudança dos valores antigos, se ela não lutar em tanta a questão racial. O que eu percebo é que o nosso cultural foi de momento muito fortes no sentido de nossa negociação enquanto mulheres negras. Uma história que veio e para uma grande luta interna com o homem negro, uma questão muito séria dentro do Movimento Negro, um sentimento muito grande das mulheres diz respeito à atualidade, porque muitas mulheres negras prezamos as mulheres brancas, isso é verdade, não dá pra você ficar esquecendo o rei com a peneta. Eles internalizaram a valor branco como superior, como ideal, e que a gente está tentando sair dessa. Até algumas lideranças dentro do Movimento Negro se preocupam com mulheres brancas e isso é uma forma de regressão do esquema racista, sem sobras de dúvidas. Dentro da proposta de feminismo que a gente está tentando ocupar, me parece fundamental não perder de vista a relação homem negro/mulher negra. Não é só a gente se olhar enquanto mulher negra, mas nós vemos na relação com o homem negro, e ele com a gente. Por isso tem que ser uma coisa dinâmica, sobretudo porque fazemos parte de uma comunidade que é discriminada pelo discurso racial. E me parece que as respostas de parte a parte, até o momento, não são satisfatórias. De um lado temos uma postura muito machista de parte do homem negro, e eu vejo que a voz procura da mulher branca para por aí. Pela nossa experiência histórica aqui temos homem negro/mulher negra; a gente se reconhece muito bem; há toda uma complicação no que diz respeito ao enfrentamento de uma série de questões. Mas no caso da mulher branca, ela não vivencia essa experiência da discriminação racial. Então acontece que, muitas vezes, os homens negros vão exercer seu machismo junto às mulheres brancas. De certa forma, o homem negro atualiza sua rivalidade com o homem branco na disputa da mulher branca. Ele tem, portanto, uma afirmação muito grande como macho e se acha maior e vai da cabeça branca. E a mulher negra fica parada ali esperando o reconhecimento surgir por aí. Acontece que os dois são muito caridos, há uma profunda carência de parte a parte. Na medida em que, no interior do movimento, nos mulheres reconhecemos isso, a coisa assume uma dimensão tão forte que, muitas vezes, nós leva a assumir as mesmas posturas do movimento feminista branco. Não que podemos reconhecer imediatamente as propostas de um movimento feminista branco judaico-cristão, etc.

Jornal do MNU — Quais são essas propostas?

Lélia Gonzalez — A questão da atualidade tem que ser discutida num nível mais amplo e não no nível do trabalho, pura e simplesmente. Estou propondo ser o mesmo muito maior, um projeto e uma felicidade muito maiores. É claro que a gente necessita ter conhecimento do próprio corpo, tudo bem. Mas não parece que, nessa relação da mulher com a sua própria sexualidade, a gente pode cair em algumas armadilhas do tipo uma avaliação exagerada da nossa própria feminilidade, porque evidentemente eu não posso deixar de reconhecer que no tempo em que o masculino também, como você tem um lado feminino. Na medida em que eu caí na minha parte feminina, eu estou me desculpando, então não estar na uma das grandes coisas que acontecem no mundo nos últimos anos foi o Movimento de Mulheres, quanto a isso não há dúvida. Precisamos assumir uma posição mais equilibrada em termos dessa relação homem/mulher, porque eu não sou mulher porque eu sou mulher como um homem, e é essa relação que se tem afirmar a minha humanidade, uma relação de troca com o homem, se não a gente dança. E esses valores de cultura africana sendo a sequência as incorporação de gente, a têm muito a contribuir no sentido do equilíbrio da relação homem/mulher. Se nós conseguimos muito ressentidas com nossos companheiros do Movimento Negro, se eles continuam buscando uma relação de complementaridade e de afirmação de seu machismo, não, enquanto comunidade, estamos desceadas, a complementaridade se está tentando aí, tranquilamente. E as mulheres negras, temos que ter uma visão muito crítica desse movimento feminista, porque não dá para ficar reproduzindo determinações políticas.

Jornal do MNU — Quando falamos há pouco de ética e Movimento Negro, ficaram no ar algumas avaliações da militância que você poderia retomar agora para concluir.

Lélia Gonzalez — A questão ética no interior do Movimento Negro é também uma outra questão que se articula aí, de perspectiva histórica. Uma consciência histórica que, de repente, a gente perde, na medida em que nos jogamos com tal intensidade para dentro do movimento, pensando como nossa contribuição e divina e ignoramos aí a ética a questão do usufruirmos, ou a gente também usufruirmos, a gente acha que vai resolver todas as questões numa vitória que é a nossa vida. E acontece que a vitória é muito mais estranha. Está vagando falando do que a gente pode fazer nos limites dos anos em termos de comunidade negra e veja as dificuldades que a gente tem. A perspectiva é a de que a gente abra alguns caminhos e a gente tem que ter a consciência da nossa temporalidade, eu não, a gente vem e passa, vem e passa no sentido de essas mensagens para também a nossa experiência para quem está chegando. Aí é que me parece que os africanos podem nos ensinar muito. Precisamos ter a paciência revolucionária para verificarmos o resultado, não, não, não será africano e muda com penas e bracos, porque não dá para a partir daí, não tem a consciência histórica da temporalidade, do processo, o que vai te permitir ter muito mais tranqüilidade no que diz respeito a tua presença no movimento. Você adquire uma sabedoria. Você verifica sua temporalidade, seu tempo de inserção o que você pode fazer, e tem a humildade de dizer que posso dar uma contribuição e fazer com todo o talento, mas eu não sou o único, não sou o salvador da pátria. Porque para muito aí aquela visão cristalizada, eu diria até fascista, de quem se acha dono da verdade. Graças a essa visão deturpada da realidade, tem ocorrido lutas internas terríveis, sobrecargas absurdas. Você exige a perfeição do seu companheiro, porque você a quem de você. Você acha que tudo tem que acontecer como um militar divino, e você é o porta-voz dessas coisas divinas. E o que acontece, muitas vezes, é que você sacrifica sua existência pessoal em função do movimento e nunca verificamos aquelas experiências se perderam no meio do caminho. Se perdemos por falta de clareza política, evidentemente, mas também, porque se jogamos de uma forma tal que, para eles, a contribuição de sua própria vida era um negócio tão secundário porque eles estavam apostando única e exclusivamente no movimento. E eu acho que não pode ser assim, não. Você tem que ter um equilíbrio. Eu vejo meu próprio caso, eu fui muito assim, e uma autocritica o que eu estou fazendo também. Eu acho que tinha que entrar em todos, me jogando totalmente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou tentando me dedicar para poder seguir a minha existência enquanto pessoa política que sou. E a gente vai muito longe e machucado dessa história toda. Porque, evidentemente, seu sonho é tão grandioso e a realidade é tão... que você se machucado. Machucado não só porque você investiu demais nesse tipo de projeto, mas machucado também pelas rotinas que eu estou lá, não há dúvida. A questão da militância tem que ter esse sentido e aí não temos que aprender com os nossos antigos, os africanos, esse sentido da sobriedade, esse sentido de saber a hora em que você vai interferir e como você vai interferir. Faz disso lance individualista. É importante distinguir o seguinte: projeto pessoal não quer dizer individualismo, não. E você se ver na sua dignidade de ser humano. Você enquanto pessoa tem que humanizar, crescer, desenvolver-se também. Agora, no Movimento Negro, você não vai crescer se não lutar isso. Se misturar, dançar. Você vem um fantasia, que fingem agonia, que ninguém suporta. Acho que isso é fundamental e vai lhe permitir essa reflexão e ainda lhe permitir não cair na sedução da cooptação. Você desenvolve sua vida discursiva, seu projeto pessoal, e nesse jogo dialético com o movimento você vai ter a capacidade de vitimizar e que está acontecendo em tempo. Se você machucar o movimento, você se alaga — e depois? Depois vai acabar se machucando, vai acabar um trabalho danado. "Sal fora, não quero mais saber do movimento negro, acabaram comigo". Vai embora cuidar do seu projeto individual e não pessoal, e não quer mais saber do Movimento Negro, é capaz até de tirar o movimento. Então me parece que esse equilíbrio é fundamental. Você constrói sua vida pessoal, você tem a possibilidade de ser universal, humano, de ajudar e ajudar, de sentir esse todo dentro de você. Então você não se sobrecarrega, radicaliza mas não seletariza. E para isso tem que estar muito atento. Se não vai ser a grande dançada. A gente dança, a gente morre na praça.

Foto: Lélia Gonzalez, por Roberto G. ...



Lélia Gonzalez. Bahia, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez

Nesse período de reflexão, se afastou da militância e, publicamente, expressou sua decepção com àqueles/as que se deixavam cooptar pela lógica do sistema capitalista e abandonavam seus ideais. O machismo dentro do próprio movimento negro causava-lhe desconforto, uma vez que a tão almejada igualdade sempre havia sido uma bandeira de luta.

Ao retornar de uma viagem à África, em 1992, sua sobrinha Eliane de Almeida nos relatou que Lélia estava com uma ferida nas costas e preocupada porque não cicatrizava. Após fazer alguns exames, foi diagnosticada com uma diabetes tipo B e a dieta e tratamento eram inevitáveis. Manéu, seu sobrinho/filho comentou: *Fiquei um período sem encontrá-la. Passei por um momento difícil na minha vida, me separei da minha mulher Joyce e neste intervalo eu voltei a morar com Lélia. Quando a vi, tomei um susto, ela estava muito magra*⁶².

Além da família, sempre presente para acolhê-la, os amigos Januário Garcia e Ana Maria Felipe ofereceram total apoio. Quando esteve mais debilitada, ele a acompanhava ao médico e ao Departamento de Sociologia e Política da PUC Rio, do qual se tornou diretora poucos meses antes de falecer. Lélia buscou, também, um tratamento espiritual com seu orientador Pai Jair D'Ogum, para quem doou todo o seu acervo.

Quando Rubens (Manéu) reatou seu casamento com Joyce, Eliane de Almeida e suas duas filhas, Gabriela e Ísis, foram morar com Lélia. Todos estavam preocupados com o estado de saúde dela, que evoluiu para uma insuficiência cardíaca, uma das sequelas da doença.

62 Entrevista concedida por Rubens Rufino à Schuma Schumacher e Antonia Ceva em 20 de outubro de 2011, em Brasília/DF, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Lélia Gonzalez, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez



Lélia Gonzalez e sua sobrinha Eliane de Almeida, Rio de Janeiro, 1969 | Acervo Lélia Gonzalez



Fotos do Acervo Lélia Gonzalez/ Terreiro Pai Jair D'Ogum, Itaguaí, Rio de Janeiro, agosto /setembro 2011 | Acervo REDEH

A passagem, mas não o final de uma trajetória. Benditos os frutos.

Lélia era uma mineira de alma carioca, apaixonada por samba e futebol. Torcedora do Flamengo, não comemorou o tetracampeonato brasileiro na Copa de 1994. No dia 10 de julho, sua sobrinha estranhou seu recolhimento até a hora do almoço e foi chamá-la para comer uma carne assada com macarrão, um de seus pratos prediletos:

No dia 10 de julho vou acordá-la e encontrei-a morta [...] foi em casa, do jeito que ela pediu. Nós conversamos até tarde, era jogo do Brasil, mas não assistimos porque ela ficava nervosa. Nesse dia ela falou que não queria beber porque estava um pouco enjoada, tomou suco, beliscou algumas coisas e me fez seu último pedido: 'amanhã você faz macarrão com carne assada que eu adoro?'⁶³

Lélia reinterpreto a História do Brasil sobre a ótica da mulher negra e, por tudo isso, pesquisadores, estudiosos, militantes e amigos têm feito um esforço para visibilizar e registrar a vida e a obra de Lélia Gonzalez, uma das memórias do movimento negro e de mulheres do Brasil. Sem dúvida, tem um lugar especial no coração e na ação política dessas maiorias silenciadas e nunca silenciosas.

Parte de seu pensamento está disponível no site Memorial Lélia Gonzalez, criado no ano de 2003, por sua amiga Ana Maria Felipe, a qual, atualmente, é uma das maiores compiladoras e divulgadoras de sua obra

⁶³ Entrevista concedida por Eliane de Almeida à Antonia Ceva em 17 de outubro de 2011, no Rio de Janeiro/RJ, para o Projeto Memória — Lélia Gonzalez: O feminismo negro no palco da história.



Lélia Gonzalez. Na varanda de seu apartamento no Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 | Acervo Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez e sua sobrinha neta Gabriela - filha de Eliane de Almeida - 1985 | Acervo Lélia Gonzalez

Mulheres no palco da história

Você sabe o que elas representam para a nossa história?



Julho 2010

0	1	2	3	4	5	6
		1	2	3		
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

LÉLIA GONZALEZ
★ 1935 - 1994 ★

SITIAS DE TRAVASSOS
 TRAPPE EMBLE
 E SESA NTE
 ISABE
 PARA LÉLIA
 EQUIDITY ANÔNIMO

APANH
 DE CONSTITUINDO
 JARA BOCA
 E BA COME BURCA
 PARA OS
 DO SACRÍFIO
 NÃO SEJAMOS
 ANÔNIMO

APESAR DE TODO
 CONTINUANDO
 ENFRENANDO OS MALES
 A EXEMPLO
 DE LÉLIA GONZALEZ
 NEGRO MÓDULO

Maria Eugênia

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO
SEÇÃO - DF

Nome do Personagem: LÉLIA GONZÁLEZ
Nome Completo: Lélia de Almeida Gonzales
Filiação: Lúcia Bonafim e Almeida e Accacio Benedito e Almeida
Nascimento: Belo Horizonte - MG, 01 de Fevereiro de 1935
Falecimento: Rio de Janeiro - RJ, 10 de Junho de 1994

Viver em um mundo onde as pessoas não sejam julgadas pela sua cor ou modo de pensar é um sonho que o ser humano vem perseguindo há muito tempo.

A nossa história faz de uma jovem que tinha tudo para desistir, mas que lutou por um mundo onde as pessoas não fossem julgadas pela cor. Seu nome era Lélia de Almeida Gonzales. Lélia nasceu em Belo Horizonte no dia 01 de Fevereiro de 1935. Sua cor era índia! Uma bela mistura de sua pai negro e de sua mãe índia. [Uma dinâmica que poderá ser usada como sugestão é fazer com as crianças a tinta natural. A receita é simples: 01 copinho de cola, o mesmo copo de água e terra na mesma proporção. Lembrando que outros pigmentos poderão ser usados, tais como açafrão, terra marrom, terra vermelha, café. As crianças poderão se desenharem em um papel e pintar com a tinta as pessoas. As crianças também poderão misturar as tintas e perceber novas cores sendo formadas. É uma atividade interessante e diferente. Não podemos esquecer a forma de registrar o que elas gostaram, sentiram. A receita também ajudará no entendimento do significado de proporção e quantidade. Você pode, também, problematizar as quantidades usadas na receita e incentivar o raciocínio lógico e as operações matemáticas na resolução dos problemas propostos. Lembrando novamente que o registro é muito importante!] O problema é que nem todo mundo entende que não somos iguais e que nossas diferenças ajudam a compor a beleza do nosso Brasil. Algumas pessoas desinformadas não respeitaram a bela cor de Lélia, o que no começo a deixou triste. Mas só no começo, pois Lélia sabia que se ficasse caladinha, essas pessoas desinformadas e preconceituosas não aprenderiam a respeitar ninguém, não importava sua cor.

AMERICANIDADE

Americanidade é uma expressão utilizada para designar a cultura americana, especialmente a dos Estados Unidos. A palavra também pode ser usada para referir-se à influência americana em outros países, como no caso da música, da literatura e da arte. A Americanidade é caracterizada por valores como o individualismo, o pragmatismo e a busca por inovação e progresso.

Lélia Gonzales

CANDACES

Havia uma aldeia.
Uma aldeia habitada por uma Candace de torço estampado de esperança, montada num cavalo negro como nossa ancestralidade.
 E *havia um tempo "grilo",* contava e contava histórias.

Histórias de mulheres guerreiras: histórias dos Núbios, de civilizações egípcias e da noite que construíram a luz da humanidade. Contava histórias de Nani, no Centro da América, ilustre e feliz povo.

O que ali passava, todo o tempo, era passar para o povo da aldeia o entendimento daquilo que eles viam ao seu redor. O tempo todo ela contava da perspicácia dos caminhos que estas tribos percorreram. Ela transmitia conhecimento.

Lélia Gonzales

A ideia de liberdade passada por essa Candace, de torço estampado de esperança, montada em seu cavalo negro como nossa ancestralidade, era tanta que várias aldeias, tribos, cidades pararam para ouvi-la. E absorviam cada ideia contada por ela.

Um dia, quando a aldeia acordou percebeu que ela havia partido. Todos ficaram perplexos, confusos... Como? Quem nos contaria outras histórias, quem?

A aldeia em um instante, tamanha era a falta que fazia a Candace de torço estampado de esperança, montada num cavalo negro como nossa ancestralidade. De repente, as pessoas se entreolharam e compreenderam que ela precisava continuar o seu caminho e que caberia a cada um transformar a semente deixada em substância. Caberia a cada aldeia, cada tribo, cada estado que bebês de suas ideias, difundir-las.

Conde: estava satisfeita, pois caberia a todos eles, a todos nós, tomar os homens e as mulheres conscientes de sua herança.

Vai lá, Lélia Gonzales!
 Nêia Daniel

A Reconstrução do Fogo

Pag. 110 e 111: Lélia Gonzalez no Calendário Mulheres no Palco da História – uma parceria da Rede de Desenvolvimento Humano, Caixa Econômica Federal, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres / Governo Federal, 2011 | *Acervo REDEH*

Cartaz do Movimento Negro Unificado em homenagem à Lélia Gonzalez, Brasília | *Acervo JG/Foto Januário Garcia*

Lélia Gonzalez na Coleção Yoté: o jogo da nossa história – Livro do Professor – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2010 | *Acervo REDEH*

Pag. 112 e 113: Catálogo da Peça Teatral ‘Candaces: a reconstrução do fogo’. Encenação Marcos Meirelles. Companhia dos Comuns, 2003 | *Acervo REDEH*

Lélia Gonzalez na Coleção Yoté: o jogo da nossa história – Livro do Professor – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, 2010 | *Acervo REDEH*

Flávia Rios e Alex Ratts. Lélia Gonzalez. Coleção Retratos do Brasil Negro, 2010 | *Acervo REDEH*

Diploma Lélia Gonzalez, CUT/RJ | *Marco Scalzo/CUT Rio*

Yoté

O jogo da nossa história

Livro do Professor

Lélia Gonzalez

Alex Ratts
Flávia Rios

RETRATOS DO BRASIL NEGRO

Diploma Lélia Gonzalez

No Ano Internacional do Afrodescendente, a CUT-RJ, através da sua Secretaria de Combate ao Racismo, tem a honra de entregar o Diploma Lélia Gonzalez a **Luiza Dantas**, em sinal de reconhecimento por sua trajetória de luta em defesa da classe trabalhadora e contra a discriminação racial em nosso país.

Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2011



Rubens Rufino – o Mané – recebe da Ministra Chefe da SEPPIR Luiza Bairros uma homenagem póstuma à Lélia Gonzalez. 7º Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, Florianópolis, Santa Catarina, 2012 | Acervo ????????????

Seu acervo pessoal está sob a responsabilidade do Pai Jair D'Ogum, no Ilê Oxum Apará, em Itaguaí, no Rio de Janeiro. Segundo ele: *Era o desejo dela que sua obra fosse conhecida e disponibilizada para o público.* Nele, encontra-se boa parte da história do movimento negro brasileiro, a partir da década de 1970.

Reconhecida nacionalmente pelos movimentos antirracista e feminista, sua trajetória, militância e contribuição para a história do movimento negro e de mulheres estão sendo, progressivamente, resgatadas através de publicações, sites, teses e dissertações. Podemos citar alguns estudos recentes e importantes iniciativas, os quais não permitem que Lélia seja mais uma mulher negra silenciada pela História Oficial.

O esforço de Lélia não foi em vão. Resultado de décadas de reivindicações, em 2003, o governo Lula criou a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com

status ministerial. Além disso, foi sancionada a Lei 10.639 de 09/01/2003 que insere a temática da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino.

A Lei 10639/03 reconhece a luta de gerações de militantes negras/os, dentre elas/eles, Lélia Gonzalez, que foi a pioneira do feminismo negro no Brasil. Por tudo isso, através das muitas militâncias que inspirou, segue escrevendo e reescrevendo o lado negro da história do Brasil.

A mais recente condecoração à memória de Lélia Gonzalez foi concedida no VII Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre os dias 16 a 20 de julho de 2012, em Florianópolis, Santa Catarina. Seu sobrinho/filho Mané compareceu ao evento e recebeu das mãos de Luiza Bairros, a então Ministra-Chefe da SEPPIR, essa merecida homenagem. Além dela, os líderes Abdias do Nascimento e Vicente Francisco do Espírito Santo – in memoriam – também foram prestigiados por sua luta histórica contra o racismo.

Algumas teses, dissertações e publicações sobre Lélia Gonzalez:

BARRETO, Raquel de Andrade. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez.* Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. *A atualidade de Lélia Gonzalez.* In. *Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina.* Rio de Janeiro, 1880-1910. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 34-48.

RATTS, Alex. *As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez.* Comunicação apresentada no Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos, Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010. Os lugares da gente negra: raça, gênero, espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

RATTS, Alex & RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez.* São Paulo: Selo Negro, 2010.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990.* Mestrado em História Comparada (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), 2006.

Os herdeiros de Lélia

A última filha de seu Acácio e Dona Urcinda a falecer foi Lúgia, no ano de 1998, aos 69 anos de idade, e, com ela, fechou-se o ciclo da segunda geração da família Almeida. Nesse mesmo ano, a matriarca Dona Urcinda completaria um século de vida.

Da terceira geração, localizamos três, dos quatro filhos de Dora, irmã de Lélia: Roselívia, chamada de guardiã da memória da família, Roberto e Rubens, sobrinho/filho de Lélia, que muito contribuíram para esta pesquisa. A quarta irmã Roseni não pôde nos conceder uma entrevista por motivo de saúde.

Conversamos, também, com Eliane, a Lili, filha única de Elisa, irmã mais velha de Lélia e primogênita do casal Almeida. Tivemos a oportunidade de conhecer a filha mais velha de Lili, Gabriela, assistente social, que já faz parte da quarta geração. A caçula de Eliane, chamada Ísis, está se graduando em Biologia. Seu nome foi um desejo de Lélia, em homenagem a deusa da mitologia egípcia.

Dessa quarta geração, conhecemos, também, a filha de Rubens, Melina, historiadora, e seu filho Marcelo, ambos do casamento com Joyce, e da quinta geração o Renzo, neto de Roberto, que seria bisneto de Dora. Sabemos que Jayme de Almeida deixou filhos, dentre eles: Jayme, auxiliar de Vanderlei Luxemburgo, quando este era técnico de futebol do Flamengo.



Os irmãos Rubens Rufino, Eliane Almeida, José Roberto Rufino e Roselívia Almeida, 2012 | Acervo REDEH

Rubens, a esposa Joyce M. de Lima, o filho Marcelo M. de Lima e a filha Melina M. de Lima | Foto Elizabete Braga

Gabriela de Almeida – sobrinha neta de Lélia Gonzalez – Rio de Janeiro, 2012 | Acervo REDEH

Renzo Lima de Carvalho – sobrinho bisneto de Lélia Gonzalez – Rio de Janeiro, 2012 | Acervo REDEH





Conviver com Lélia foi um grande aprendizado porque ela estava à frente do seu tempo, poucos sabiam disso. Militante negra e 'intelectual orgânica' caminhava na mesma trilha por onde passaram os teóricos Frantz Fanon e Cheik Anta Diop. Foi Lélia que contrapôs o Samba do Crioulo Doido ao Minueto do Branco Esquizofrênico
Januario Garcia / 2013



Eu não sabia nada sobre candomblé (...). Quando saí pelo mundo para divulgar Chica da Silva, as pessoas me perguntavam sobre cultura negra e eu não sabia nada. Então fiz um curso com a antropóloga Lélia Zezé Motta

| Leonardo Aversa / Agência O Globo



Falar de Lélia Gonzalez é falar de cultura, educação e inteligência. Falar de Lélia Gonzalez é sentir saudades e olhar para o céu na tentativa de enxergar sua luz
Espiritualista Jair de Ogum / fevereiro de 2013



Lélia Gonzalez foi muito mais que a formadora de opinião que influenciou uma geração de mulheres na arte de reconhecer o significado do racismo, presente nas relações de gênero, e a importância de enfrentar essas contradições. Divertida, visceral, irreverente, corajosa, tocou corações, mentes e fígados. À frente do seu tempo, foi global quando ainda nos afirmávamos no local. Foi voz, suor, lágrimas, alma, quando a cumplicidade do silêncio nos negava a humanidade. Foi uma mulher que viveu e morreu de amores - por sua raça, suas crenças, seus ideais, seus amigos, sua comunidade. Uma mulher a quem agradeço o privilégio do aprendizado

Nilza Iraci - Geledés / Instituto da Mulher Negra / fevereiro de 2013



Conheci Lélia Gonzalez quando eu trabalhava no Iuperj e estava organizando com companheiras, o Seminário "Mulheres na Força de Trabalho na América Latina", em novembro de 1978, no Hotel Glória, Rio de Janeiro. Anos depois, estivemos juntas em outro seminário na África, na Universidade de Ibadan, na Nigéria (...) Lélia construía laços internacionais com o movimento feminista, aprendendo sobre as condições de vida das mulheres negras em outros contextos, suas diferenças e comunalidades com as brasileiras

Neuma Aguiar / Janeiro de 2013



(...) 'vi' aquele facho de luz diante da turma, numa aula de história em um colégio estadual em Bonsucesso. Naquela hora, Lélia não sabia seu significado para a humanidade, para a ancestralidade

Ana Maria Felipe

| Coleção particular Ana Maria Felipe



(...) Lélia elaborou uma reflexão histórica de como o 'povo brasileiro', o 'povo negro', a 'mulher negra' constituíram-se personagens de outra história

Elizabeth Viana

| Coleção particular Elizabeth Viana



Lélia guerreou, trabalhou, amou, estudou, participou, rompeu obstáculos, viveu para enfrentar o racismo e o sexismo vigentes em nossa sociedade

Nilma Bentes

| Coleção particular Nilma Bente



(...) foi uma intérprete do Brasil da ótica da gente negra e das mulheres. (...) Lélia tem um lugar especial no coração e na ação política das mulheres, negros, essas maiorias silenciadas, mas não silenciosas que, como ela, vêm reescrevendo a história do Brasil.

Sueli Carneiro

| Acervo REDEH/Fotografia de Rauf Tauile



Sempre quando penso em Lélia, me vem aquele sorriso escancarado de quem, apesar das dificuldades vivenciadas pelo preconceito racial e de gênero, tinha tanto orgulho de ser mulher e negra

Jurema Batista

| Coleção Particular Jurema Batista



Conheci Lélia Gonzalez quando entrei para o Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979. Ela era membro da Comissão Executiva Nacional, e a todos surpreendia pelo comportamento ousado, a risada de corpo inteiro, o linguajar popular, bem ao modo do falar carioca, salpicado de expressões acadêmicas...

Luiza Bairros

| Acervo SECOM / Elói Corrêa

Por uma sociedade justa e igualitária

Nossa proposta não foi traçar uma árvore genealógica da família Almeida, mas analisar a trajetória de Lélia Gonzalez dentro de um contexto histórico e sua contribuição para os movimentos negro e feminista, além de sua produção acadêmica para os estudos de raça e gênero. No entanto, a família traz uma memória ancestral, resgatando as suas origens, os costumes e as tradições.

Lélia Gonzalez deixou um legado para as mulheres do Brasil e do mundo. Ao assumir essa luta como missão de vida, influenciou decisivamente os rumos desses movimentos de resistência social e estabeleceu as bases que estruturam o movimento de mulheres negras contemporâneo. Desconstruiu visões elitistas e eurocentristas do feminismo brasileiro e mundial, abrindo o caminho para que as mulheres negras afro-latinoamericanas ousassem desenhar como concepção teórica e ação política o que hoje chamamos de feminismo negro.

Assim como o Sankofa – ideograma africano que ilustra um pássaro olhando para trás – cujo significado é “a sabedoria de aprender com o passado, para melhorar o presente e construir o futuro”, esperamos que a herança deixada por Lélia Gonzalez continue dando frutos e que sirva de base e motivação, para todos/as aqueles/as que lutam por uma sociedade justa e igualitária.

Sankofa – símbolo africano que significa: “Nunca é tarde para voltar e buscar o que ficou atrás”.